

**UNIVERSIDADE SANTA CECÍLIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SUSTENTABILIDADE DE
ECOSSISTEMAS COSTEIROS E MARINHOS
MESTRADO EM ECOLOGIA**

ANNA LUIZA DA CRUZ

**O USO DE RECURSOS VEGETAIS PELA COMUNIDADE DO PEREQUÊ,
GUARUJÁ- SP**

SANTOS/SP

2017

ANNA LUIZA DA CRUZ

**O USO DE RECURSOS VEGETAIS PELA COMUNIDADE DO PEREQUÊ,
GUARUJÁ- SP**

Dissertação apresentada à Universidade Santa Cecília como parte dos requisitos para obtenção de título de mestre no Programa de Pós-Graduação em Sustentabilidade de Ecossistemas Costeiros e Marinhos, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Mara Angelina Galvão Magenta e coorientação da Prof^a. Dr^a. Milena Ramires.

SANTOS/SP

2017

Autorizo a reprodução parcial ou total deste trabalho, por qualquer que seja o processo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos.

304.2 Cruz, Anna Luiza da.
C96e O uso de recursos vegetais pela comunidade do Perequê,
Guarujá-SP. Anna Luiza da Cruz, 2017. 71 f.

Orientadora: Dr^a. Mara Angelina Galvão Magenta
Coorientadora: Dr^a. Milena Ramires

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Santa Cecília,
Programa de Pós-Graduação em Sustentabilidade de Ecossistemas
Costeiros e Marinhos, Santos,
SP, 2017.

1. Etnobotânica. 2. Mata Atlântica. 3. Ecologia Humana.
I. Magenta, Mara Angelina Galvão, orient. II. Ramires, Milena,
coorient. III. O uso de recursos vegetais pela comunidade do
Perequê, Guarujá-SP.

Elaborada pelo SIBi – Sistema Integrado de Bibliotecas – Unisanta

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe que se mostrou muito compreensiva em todos os momentos para a realização desse sonho e à minha madrinha, Angela Vaz, que deu grande incentivo ao meu ingresso no curso de mestrado.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Prof^a. Dr^a. Mara Angelina Galvão Magenta por todo seu profissionalismo e contribuições valiosíssimas que possibilitaram a realização deste trabalho e à coorientadora Prof^a. Dr^a. Milena Ramires, por compartilhar comigo sua experiência no campo da Ecologia Humana.

A todo corpo docente do mestrado, pelo conhecimento ímpar que ofereceram. Aos colegas que conheci durante as aulas na Universidade Santa Cecília.

Ao Prof. Dr. Fabio Giordano por ter permitido minha matrícula no curso.

Às secretárias do mestrado, Sandra Helena de Aparecida Araújo e Imaculada Scorza, pelo carisma e gentileza.

Aos meus amigos que compreenderam a importância dessa pesquisa e me incentivaram a acreditar que a conquista viria, em especial ao Pedro Lima por toda a ajuda oferecida.

Agradeço aos moradores da comunidade da Praia do Perequê pelo acolhimento durante as fases da pesquisa, especialmente ao Sr. Miguel, presidente da Associação dos Moradores da Praia do Perequê.

Sou grata também à Michelle Martins, que proporcionou o primeiro contato com moradores do bairro.

E, por último, mas não menos importante, agradeço a Deus pela oportunidade de estar aqui e ver que a sementinha da coragem e curiosidade plantada enfim, germinou.

RESUMO

O uso de recursos vegetais por comunidades tradicionais que vivem sob o domínio da Mata Atlântica vem ganhando destaque em função do valioso saber dos moradores destas áreas. O presente trabalho realizado no Perequê, Guarujá- SP teve como objetivo registrar a diversidade de espécies vegetais úteis e seus diferentes usos (medicinal, artesanato, construção, etc.), descrevendo o conhecimento da comunidade local em relação às espécies utilizadas. Para tanto, foram realizadas entrevistas através do método “Bola de Neve” com questionário semiestruturado e turnê-guiada. Foram entrevistados 20 moradores residentes no bairro há pelo menos dez anos, resultando 201 indicações de nomes populares e 92 espécies. Os dados obtidos foram comparados a outros trabalhos também desenvolvidos em domínios da Mata Atlântica. Para todas as citações foi calculado o índice de Diversidade de Shannon na base 10. Para as plantas da categoria medicinal foram feitos os cálculos do índice de Importância Relativa (IR) e de Concordância de Uso Principal corrigido (CUPc). O índice de Shannon obtido foi de $H' = 1,82$. O maior valor de IR pertence à *Dysphania ambrosioides* L. (IR=2,0). *Plectranthus scutellarioides* (L.) R. Br. que alcançou o maior resultado de CUPc (59,5%). Os resultados permitiram um olhar sobre o cenário atual demonstrando que ainda há conhecimento local sobre as plantas e suas variadas formas de uso. Assim, foi possível construir importantes registros sobre a sabedoria existente que poderão contribuir para a manutenção deste relevante conhecimento conquistado ao longo do tempo e subsidiar novos trabalhos e ações voltadas à conservação.

Palavras Chave: Etnobotânica. Mata Atlântica. Ecologia Humana.

ABSTRACT

The use of vegetal resources by traditional communities that live under the Atlantic Forest domains has been gaining importance due to the valuable knowledge of the inhabitants of these areas. The present work carried out in Perequê, Guarujá-SP, aimed to register the diversity of useful vegetable species and their different uses (medicinal, handicrafts, construction, etc.), describing the knowledge of the local community in relation to the species used. For that, interviews were conducted through the "Snowball" method with semi-structured questionnaire and tour-guided. We interviewed 20 residents that was living in the neighborhood for at least ten years, resulting in 201 nominations of popular names and 92 species. The data obtained were compared to other works also developed in Atlantic Forest domains. For all of the citations, the Shannon Diversity Index was calculated for base 10. For the plants of the medicinal category, the Relative Importance (IR) and Corrected Principal Use Agreement (CUPc) were calculated. The Shannon index obtained was $H' = 1.82$. The highest value of IR belongs to *Dysphania ambrosioides* L. (IR = 2.0). *Plectranthus scutellarioides* (L.) R. Br., Which achieved the highest CUPc result (59.5%). The results allowed a look at the current scenario demonstrating that there is still local knowledge about plants and their various forms of use. Thus, it was possible to build important records about the existing wisdom that could contribute to the maintenance of this relevant knowledge gained over time and to subsidize new works and actions aimed at conservation.

Keywords: Ethnobotany. Atlantic forest. Human ecology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização da área de estudo, preenchida em vermelho.....	17
Figura 2 – Recorte do Plano Diretor Participativo da Prefeitura Municipal de Guarujá (2013)	18
Figura 3 – Viela de acesso às moradias de palafitas.	19
Figura 4 – Casa de palafitas sobre o Rio do Peixe, Perequê, Guarujá (SP)..	19
Figura 5 – Entrevista aos informantes.....	21
Figura 6 – Naturalidade dos informantes	26
Figura 7 – Famílias botânicas mais representativas em número de espécies indicadas como úteis pelos informantes do Perequê.....	33
Figura 8 – Relação entre idade e nº de espécies citadas..	34
Figura 9 – Relação entre sexo dos informantes e número de espécies indicadas.....	34
Figura 10 – Partes vegetais utilizadas em fins terapêuticos.....	45
Figura 11 – Algumas das espécies vegetais que têm a folha utilizada para uso medicinal.....	46

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Perfil socioeconômico dos moradores entrevistados no Perequê, Guarujá-SP.....	24
Tabela 2 – Espécies vegetais utilizadas pelos moradores do Perequê.....	27
Tabela 3 – Espécies indicadas para fins medicinais pelos entrevistados do Perequê.....	35
Tabela 4 – Índice de Importância Relativa das espécies indicadas como medicinais pelos informantes do Perequê.....	47
Tabela 5 – Concordância de Uso Principal.....	48
Tabela 6 – Índices de diversidade de Shannon- Wiener.....	55

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Categorias Internacionais de Doenças (CID-OMS) e enfermidades relacionadas pela comunidade local com indicações de plantas utilizadas para tratamento pela comunidade do Perequê.	49
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEL	–	Conhecimento Ecológico Local
CID	–	Classificação Internacional de Doenças
CUP	–	Concordância de Uso Principal
CUPc	–	Concordância de Uso Principal Corrigida
FC	–	Fator de Correção
H'	–	Índice de Diversidade de Shannon- Wiener
HUSC	–	Herbário Universidade Santa Cecília
IBGE	–	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEP	–	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IR	–	Importância Relativa
OMS	–	Organização Mundial de Saúde
TCLE	–	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNISANTA	–	Universidade Santa Cecília
UPA	–	Unidade de Pronto Atendimento
USAFA	–	Unidade de Saúde da Família

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	13
2.	OBJETIVO	16
2.1	Objetivos específicos	16
3.	MATERIAL E MÉTODOS	17
3.1	Área de estudo.....	17
3.2	Coleta de dados.....	20
3.3	Análise de dados.....	22
4.	RESULTADOS	24
4.1	Perfil dos informantes.....	24
4.2	Espécies vegetais utilizadas.....	27
5.	DISCUSSÃO	51
6.	CONCLUSÕES	59
	REFERÊNCIAS	60
	APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	68
	APÊNDICE B – Questionário de entrevistas	70

1. INTRODUÇÃO

A Mata Atlântica e a Floresta Amazônica constituem cerca de 30% dos remanescentes de florestas tropicais existentes na Terra, sendo detentoras também da maior diversidade biológica do planeta (MITTERMEIER et al., 1999).

Estima-se que na Mata Atlântica a diversidade de plantas esteja em torno de 20.000 espécies vegetais. Dessas, mais de seis mil são consideradas endêmicas (MITTERMEIER et al., 1999). Tal fato, aliado ao fato de tratar-se de uma área sob forte pressão antrópica, faz com que conste na lista das florestas mais ameaçadas, já que ela está entre as 25 regiões mundialmente conhecidas como *hot spot* (LIMA e GUEDES-BRUNI, 1996; BEGOSSI et al., 2000). Para se ter uma ideia do possível patrimônio genético perdido, a área original de abrangência do Bioma era de 1.309.736 Km² no território brasileiro, segundo dados do Mapa da Área de Aplicação da Lei nº 11.428, de 2006. Hoje, sua cobertura original está representada por 12,5% do território nacional (SOS MATA ATLÂNTICA, 2016).

A extração de madeiras de lei, o cultivo da cana-de-açúcar e a cafeicultura foram os percussores no processo de antropização do bioma. Atualmente ocorrem também desmatamentos para áreas destinadas ao pasto (MORAES et al., 2002). Como resultado dessas perturbações, é notória a perda de sua riqueza e diversidade florística, culminando em desaparecimento de espécies e já colocando sob risco as que ainda restam (LIMA et al., 2002).

Assim, a destruição causa também uma perda no patrimônio histórico das comunidades que vivem em seu entorno, comprometendo a diversidade cultural do nosso país (MMA, 2002).

Inserida na Mata Atlântica, está a restinga, um ecossistema costeiro, composto por um conjunto diversificado de organismos, bem como apresenta diversidade na flora e é comum em solos arenosos (MIRANDA e HANAZAKI, 2008).

A ocupação desse ecossistema foi feita por populações humanas, dispersas por todo litoral brasileiro (MIRANDA e HANAZAKI, 2008). Convivendo com o ambiente natural ao longo de muito tempo estas famílias inseriram em seu modo de viver o uso de recursos vegetais para as mais diversas finalidades como construção, alimentação, medicina, religião e outros (MOURA e ANDRADE, 2007).

O Conhecimento Ecológico Local (CEL) das populações tradicionais que vivem em locais litorâneos de domínio da Mata Atlântica é formado ao longo de muitas

gerações e de grande relevância no cotidiano destes habitantes (BEGOSSI et al., 2002). Os indivíduos destas comunidades carregam consigo o conhecimento, construído durante muito tempo pelos antepassados, sobre as características e potenciais utilizações de uma enorme gama de plantas (CABALLERO, 1979).

Segundo Diegues & Arruda (2001), em alguns países o conhecimento das populações locais é considerado um ponto primordial para discutir questões de conservação.

A etnobotânica, termo concebido em 1896 por William Harshberger, é definida segundo Alcorn (1995), como o estudo das interações homem-planta, considerando os aspectos naturais e sociais de ecossistemas dinâmicos. Assim surge então como um campo interdisciplinar que considera a interpretação do conhecimento, seu significado para a comunidade em questão e os usos tradicionais dos vegetais (CABALLERO, 1979).

Estudos etnobotânicos, que analisam usos e formas terapêuticas dos recursos vegetais podem contribuir para a elaboração de planos de conservação e manejo de ecossistemas, cumprindo o papel de incentivar o uso sustentável da biodiversidade do ponto de vista do saber local (PRANCE, 1995; ALBUQUERQUE, 2005), além de contribuir para o crescimento de outras áreas, como a farmacologia (ELISABETSKY e SOUZA, 2004).

É crescente o número de trabalhos neste ramo da ciência realizados em locais da Mata Atlântica, motivados pela riqueza e diversidade deste bioma (MIRANDA e HANAZAKI, 2008; BORGES e PEIXOTO, 2009; BRITO e SENNA- VALLE, 2011; BAPTISTA et al., 2013; ÁVILA et al., 2015; ALVES et al., 2017).

Dessa forma, os levantamentos etnobotânicos permitem conhecer o perfil de uma comunidade e o quanto sua população conhece sobre plantas em toda sua amplitude, considerando seus costumes e peculiaridades (MARTINS et al., 2005).

A influência das plantas para as diversas sociedades está ligada não somente a aspectos alimentares, mas também culturais e medicinais (ANTONIO et al., 2013). Nesse sentido, as plantas apontadas como parte do cotidiano das populações humanas tal qual as utilizadas para a construção, artesanato, em rituais religiosos e medicinais ganham destaque nessas abordagens.

Embora haja diferentes formas de manipulação para os usos é notória a percepção que o ser humano adquiriu acerca das propriedades benéficas que as plantas podem proporcionar ao organismo (GADELHA et al., 2013).

O uso dos vegetais para fins medicinais é contemplado desde os primórdios e a utilização permanece tanto em comunidades rurais como também é possível encontrar tal prática em sociedades urbanizadas (ROSSATO e CHAVES, 2012).

Santos et al. (2008) afirmam que as plantas medicinais encontradas em estudos etnobotânicos podem beneficiar outras áreas de pesquisa como a de fitoquímicos e farmacológicos.

A prática do cultivo e uso de plantas denota uma dinâmica de interações entre as pessoas e a natureza propiciando compreensão acerca da relação existente entre humanos e vegetais (SOLDATI, 2013).

Por outro lado, em virtude da crescente pressão econômica que assola a sociedade capitalista, os hábitos e a cultura dessas comunidades tradicionais sofrem consequências devastadoras (OLIVEIRA, 2004). Assim, corre-se o risco de perder o conhecimento que orienta o uso, resultado do estreito contato com o ambiente e que é transmitido de geração para geração.

A implementação de ações de conservação para as espécies ameaçadas da Mata Atlântica é imprescindível, juntamente com pesquisas científicas que possam gerar respostas e subsídios para a proteção e recuperação do bioma levando em conta o precioso saber das comunidades que ocupam esses ambientes, saberes estes que são dotados de conhecimentos adquiridos dos ancestrais sobre o uso de recursos vegetais (BRITO e SENNA-VALLE, 2011).

Diante desses fatos, esse estudo apresenta uma abordagem que destaca a importância do conhecimento popular sobre a utilização dos vegetais por uma comunidade inserida na Mata Atlântica do Estado de São Paulo, nas suas variadas formas de usos.

2. OBJETIVO

Analisar o uso de recursos vegetais pela comunidade do Perequê (Guarujá/SP).

2.1 Objetivos específicos

Registrar as espécies vegetais utilizadas pelos moradores do Perequê, bem como, seus diferentes usos (medicinal, artesanato, construção, etc.).

Buscar entender a relação entre sexo, idade e origem com o conhecimento das espécies e seus usos.

3. MATERIAL E MÉTODOS

3.1 Área de estudo

O significado do nome Perequê tem origem no termo indígena 'Pira-Ikê', ou seja, 'entrada de peixe' (CHIARADIA, 2008). O bairro Perequê localiza-se no município de Guarujá, litoral de São Paulo, a leste da ilha de Santo Amaro ($23^{\circ} 59' 14''$.6 S - $46^{\circ} 13' 49''$.9 O), distante aproximadamente 13 km do centro (Figura 1).

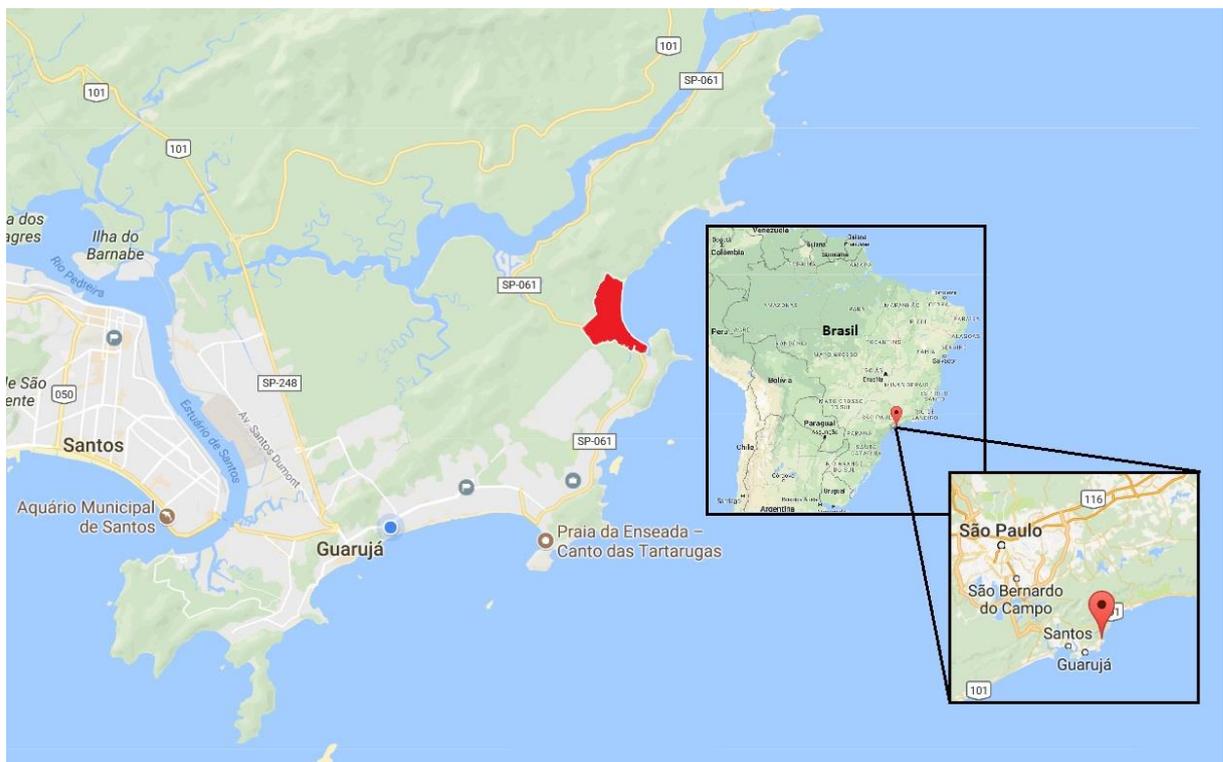


Figura 1: Localização da área de estudo. Em vermelho, o bairro do Perequê, Guarujá (SP).
Fonte: Adaptado de Google Maps (2017).

O Plano Diretor nº 156/2013 da Prefeitura Municipal de Guarujá relata que são consideradas comunidades tradicionais caiçaras as ocupações antigas da Ilha de Santo Amaro que conservam algumas das suas características históricas e culturais. Parte da Praia do Perequê está assegurada na redação do Plano Diretor (Figura 2).

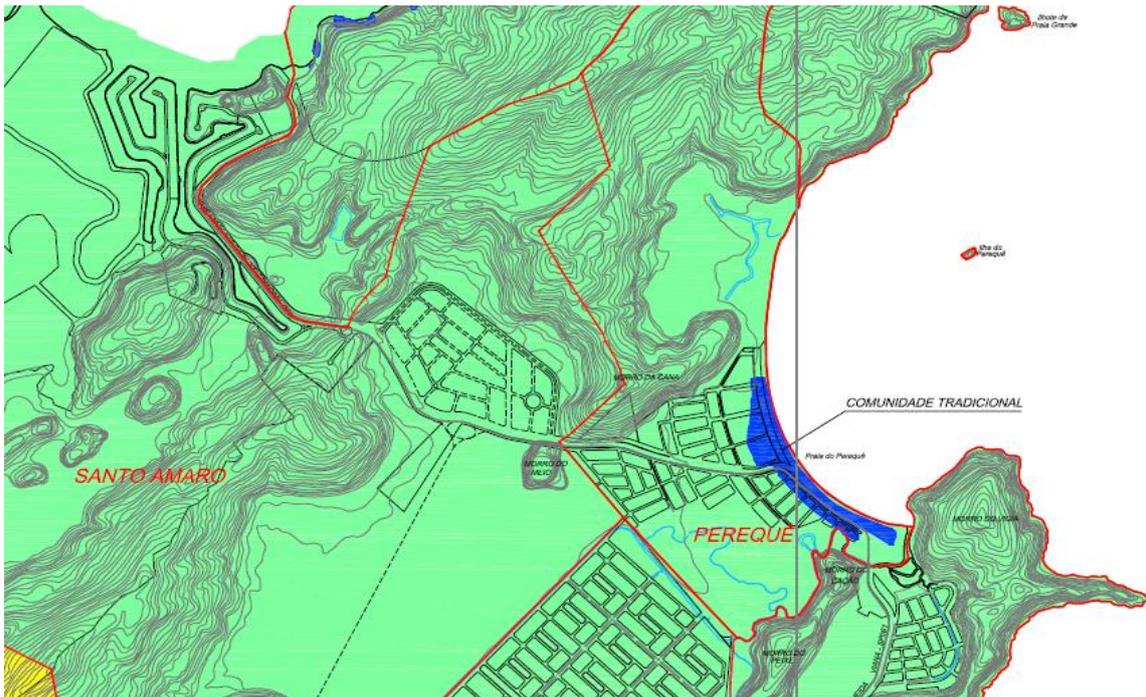


Figura 2: Recorte do Plano Diretor Participativo da Prefeitura Municipal de Guarujá (2013), indicando que pelo menos parte do bairro do Perequê é considerada como “comunidade tradicional” (em azul).

O relevo do bairro do Perequê decorre de sua situação geográfica, constituída por regiões acidentadas. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2015), a área urbana de Guarujá possui 143.577 Km² de extensão e foi desenvolvida em locais planos, com pequenas diferenças de cota entre os pontos altos e os baixos. Para se chegar ao Perequê utiliza-se a Rodovia Ariovaldo de Almeida Viana (SP-61), conhecida como Estrada Guarujá-Bertioga.

O clima é tropical do tipo Af (tropical equatorial), segundo o sistema de classificação global dos tipos climáticos de Köppen, com temperatura média de 21.8°C (CLIMATE DATA.ORG, 2017).

No que se refere ao número de habitantes, segundo o censo 2010 (IBGE, 2011), a população fixa da cidade de Guarujá era de 290.752 habitantes. Enquanto que o bairro Perequê possui 9.429 habitantes com 2.660 imóveis ocupados permanentemente e 1.349 domicílios ocupados em aglomerados subnormais.

A comunidade do Perequê é reduto de caiçaras conhecida historicamente como uma vila de pescadores e atualmente consolidada como polo de comércio de pescado (NARDI, 2016). Segundo Fagundes et al. (2013), no Perequê está a maior comunidade de pescadores de Guarujá abrindo cerca de 200 embarcações.

O turismo na comunidade está relacionado à pesca contando também com a existência de venda de peixe e restaurantes, mas não há ecoturismo, pois a infraestrutura é precária. Os turistas que por lá passam têm apenas a opção de escolher algum dos restaurantes especializados em frutos do mar localizados na orla ou frequentar alguma das dezenas de bancas de peixe que estão situadas entre os restaurantes.

As figuras 3 e 4 mostram alguns tipos de moradias encontradas pelo bairro.



Figura 3: Viela de acesso às moradias de palafitas, na comunidade do Perequê em fotografia de 2008.

Foto: Fernando Custódio Soares.



Figura 4: Casa de palafita sobre o Rio do Peixe, Perequê, Guarujá (SP) em 2008.

Foto: Fernando Custódio Soares.

A comunidade dispõe de uma unidade de educação infantil e duas unidades de

ensino fundamental mantidas pela prefeitura e uma escola de ensino médio de responsabilidade do governo do Estado (INEP, 2015).

Há no bairro uma Unidade de Pronto Atendimento Médico (UPA) e uma Unidade de Saúde da Família (USAFA) (PREFEITURA MUNICIPAL DO GUARUJÁ, 2017). Para tratamentos específicos a população precisa buscar atendimento em outras regiões da cidade.

Estrella (2004) afirma que o aprofundamento da miséria e da pobreza, a violência, a desigualdade social, a crescente degradação ambiental, o desemprego agravado pela baixa frequência de turistas fora do período de férias, o grande número de postos de trabalho informal e a baixa escolaridade da população, são problemas que afetam a comunidade do Perequê.

3.2 Coleta de dados

O presente estudo faz parte do projeto “Usos e Manejo da Vegetação”, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNISANTA, pelo Parecer Consubstanciado nº. 1.515.464 e coordenado pela profa. Dra. Mara Angelina Galvão Magenta.

O trabalho de campo compreendeu o período de julho de 2016 a fevereiro de 2017.

Visitas prévias foram realizadas a fim de conhecer melhor a comunidade e seus hábitos, bem como se faziam o uso ou não de plantas.

As visitas à comunidade foram ocasionais e duraram em média três horas. Foram entrevistadas pessoas indicadas que ainda têm o hábito de utilizar plantas no seu dia-a-dia e que residem no bairro há pelo menos 10 anos, sendo todas maiores de 18 anos de idade. Foi entrevistada somente uma pessoa por família e, para dar prosseguimento ao levantamento de dados, foram utilizados os métodos Bola de Neve e de turnê-guiada. Para tanto, houve aplicação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), vide anexo A.

O método Bola de Neve compreende a identificação de um ou mais informantes locais que sejam considerados como especialistas sobre o assunto abordado e que atendam aos critérios estabelecidos nesta pesquisa para a realização das entrevistas (BERNARD, 1995).

A turnê-guiada fundamenta os nomes das plantas citadas nas entrevistas,

tendo em vista a ocorrência de etnosinônimos em uma mesma comunidade (ALBUQUERQUE et al., 2008).

As entrevistas foram realizadas com o auxílio de um questionário semiestruturado (MARTIN, 1995; ALBUQUERQUE et al., 2008) (anexo B), visando obter dados gerais dos informantes como gênero, idade, escolaridade, estado civil, atividade desenvolvida, conhecimento acerca das espécies bem como seus usos e formas de transmissão do conhecimento, em consonância com a metodologia proposta por Miranda e Hanazaki (2008). Foram realizados também registros de entrevistas por meio de fotografias com o consentimento dos informantes (Figura 5).



Figura 5: Entrevista aos informantes.

Fotos: Anna Luiza da Cruz (2017).

A coleta de material botânico estava amparada pela autorização SISBIO nº 55088-1. Participaram da coleta de plantas os informantes que se mostraram conhecedores dos nomes populares e tinham disponibilidade para o processo de reconhecimento realizado na comunidade. O material botânico coletado foi herborizado (MORI et al., 1989), identificado até o nível de espécie e depositado no herbário da Universidade Santa Cecília/HUSC.

A nomenclatura foi conferida através de consulta à especialistas e acesso às bases de dados *The Plant List* (2013), *Flora do Brasil 2020* (2017) e *W3 trópicos* (2017).

Neste trabalho considerou-se a origem das plantas citadas, definindo as seguintes denominações: plantas nativas (pertencentes aos domínios fitogeográficos do Brasil) e plantas exóticas (espécies oriundas de outros países) com base nos bancos de dados acima descritos. O levantamento etnobotânico indica diversas

categorias de uso dos recursos vegetais do ambiente local, considerando a compreensão que os membros da comunidade estudada têm sobre o assunto.

Os usos identificados pelos informantes foram agrupados em cinco categorias: alimentícia, medicinal, ritualística, veterinária e construção de embarcação.

3.3 Análise de dados

Os dados foram analisados de forma qualitativa e quantitativa. As informações qualitativas foram codificadas e sistematizadas para possibilitar a discussão dos principais aspectos relacionados às interações da comunidade local com os recursos vegetais. As análises quantitativas têm o intuito de ajudar a entender como se dá a interação homem-ambiente nesta comunidade, além de favorecer o estreitamento das ligações entre etnobotânica e conservação (HANAZAKI et al., 2000). Os cálculos que compõem este trabalho foram feitos por meio do programa Excel e utilizaram os seguintes índices:

O cálculo do índice de diversidade de Shannon-Wiener foi realizado com intuito de comparar os dados dessa pesquisa com resultados de pesquisas de mesmo objetivo realizadas em comunidades pertencentes ao Bioma Mata Atlântica. Sua fórmula está descrita em Magurran (1955) e adaptada por Begossi (1996) para que sua utilização permita comparar o uso de plantas por diferentes populações em ambientes distintos.

O Índice de Importância Relativa (calculado apenas para as espécies de uso medicinal) identifica o grau de importância de cada espécie, onde o maior valor encontrado representa a espécie mais versátil. O cálculo é feito pela seguinte fórmula:

$$IR = NSC + NP$$

Sendo que:

NSC= número de sistemas corporais tratados por uma determinada espécie, dividido pelo número de sistemas corporais tratados pela espécie mais versátil;

NP= número de propriedades atribuídas a uma determinada espécie, dividido pelo número total atribuído à espécie mais versátil.

Bennet e Prance (2000) definem como versátil a planta que tiver mais indicações em uma comunidade, ou seja, aquela que for mais lembrada para tratar o maior número de doenças.

Para as espécies referidas acima, foram calculados também os Valores de

Concordância de Uso Principal (CUP) (AMOROZO e GELY, 1988) para as espécies que receberam indicações por mais de um informante e apresentavam consonância quanto às enfermidades que tratavam em relação ao consenso dos informantes. Para isso, foi utilizada a seguinte fórmula:

$$CUP = \frac{ICUP \times 100}{ICUE}$$

Onde:

CUP= Concordância de Uso Principal

ICUP= Número de informantes que citaram o uso principal

ICUE= Número de informantes que citaram usos para a espécie

Para amenizar as diferenças no número de informantes que citaram usos para cada espécie, faz-se necessário a aplicação de um Fator de Correção (FC) (FRIEDMAN et al., 1986). Para obter o valor correspondente, foi utilizada a fórmula:

$$FC = \frac{ICUE}{ICEMC}$$

Onde:

FC= Fator de Correção

ICUE= Número de informantes que citaram usos para a espécie

ICEMC= Número de informantes que citaram a espécie mais citada (aquela com maior número de indicações).

A porcentagem correspondente à Concordância de Uso Principal Corrigida resulta da multiplicação entre o valor de CUP e FC, conforme mostra a equação:

$$CUP_c = CUP \times FC$$

O valor de CUP_c aponta quais as espécies com maiores potenciais de uso e que poderão servir como objeto de estudo para a área farmacológica (ROQUE et al., 2010), corroborando ou refutando as indicações sugeridas pelos entrevistados.

O levantamento das indicações de espécies medicinais foi comparado ao que está descrito na “Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde” (CID), listagem utilizada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) (WHO, 2016), para análise das categorias contempladas pelas informações coletadas na comunidade de estudo em questão.

4. RESULTADOS

4.1 Perfil dos informantes

Foram entrevistadas 20 pessoas, onde a maioria (55%) é de mulheres. Os entrevistados possuem faixa-etária entre 33 e 84 anos (Tabela 1).

Tabela 1: Perfil socioeconômico dos moradores entrevistados no Perequê, Guarujá- SP

(continua)

	Características	N	%
Sexo	Feminino	11	55
	Masculino	9	45
Idade	30 a 40 anos	3	15
	41 a 51 anos	3	15
	52 a 62 anos	5	25
	63 a 73 anos	7	35
	74 a 84 anos	2	10
Escolaridade	Ensino Fundamental	14	70
	Ensino Médio	3	15
	Analfabeto	2	10
	Técnico	1	5
Estado civil	Casado	9	45
	Viúvo	4	20
	Não respondeu	4	20
	Solteiro	2	10
	Divorciado	1	5
Local de nascimento	Guarujá (SP)	4	20
	Ribeirão Pires (SP)	1	5
	São Paulo (SP)	1	5
	Pindorama (SP)	1	5
	Arapiraca (AL)	1	5
	Água Branca (AL)	1	5
	Traipu (AL)	1	5
	Guarabira (PB)	1	5
	Itabaiana (PB)	1	5
	Monteiro (PB)	1	5
	Bezerros (PE)	1	5
	Brejo da Madre de Deus (PE)	1	5
	Pesqueira (PE)	1	5
	Salvador (BA)	1	5
	Senhor do Bonfim (BA)	1	5
Brejo Grande (SE)	1	5	

Tabela 1: Perfil socioeconômico dos moradores entrevistados no Perequê, Guarujá- SP

(continua)

	Características	N	%
	Parati (RJ)	1	5
Número de filhos	Um	2	10
	Dois	6	30
	Três ou mais	12	60
Profissão	Outros	8	40
	Artesão	5	25
	Pescador	2	10
	Dona de casa	1	5
	Marinheiro	1	5
	Funileiro/Pintor	1	5
	Porteiro	1	5
	Lojista	1	5
Atividades econômicas	Artesanato	5	25
	Pensionistas	4	20
	Aposentados	4	20
	Pesca/mar	3	15
	Desempregado	3	15
	Comércio	1	5
Formas de aquisição dos vegetais	Variadas (cultivo, coleta, compra)	17	85
	Coleta	3	15
Locais de acesso aos vegetais	Mata nativa	11	55
	Variados (roça, quintal, mata nativa)	5	25
	Somente quintal	4	20

No que diz respeito ao grau de escolaridade, 14 entrevistados possuem o ensino fundamental, três cursaram o ensino médio, dois alegaram ser analfabetos e um possui o nível técnico.

Em relação ao estado civil, apenas 10% são solteiros. Os demais dividem-se entre casados (45%), viúvos (20%) e divorciado (5%). Quanto ao tamanho da família, a média de filhos é de 3,55%.

Grande parte dos informantes é proveniente do estado de São Paulo (migrantes de áreas urbanas), dos quais quatro são naturais do Guarujá, sendo apenas dois deles nascidos no Perequê. Os estados do nordeste (Alagoas, Paraíba e Pernambuco) aparecem em segundo lugar. Há também moradores procedentes de outros estados brasileiros (Figura 6).

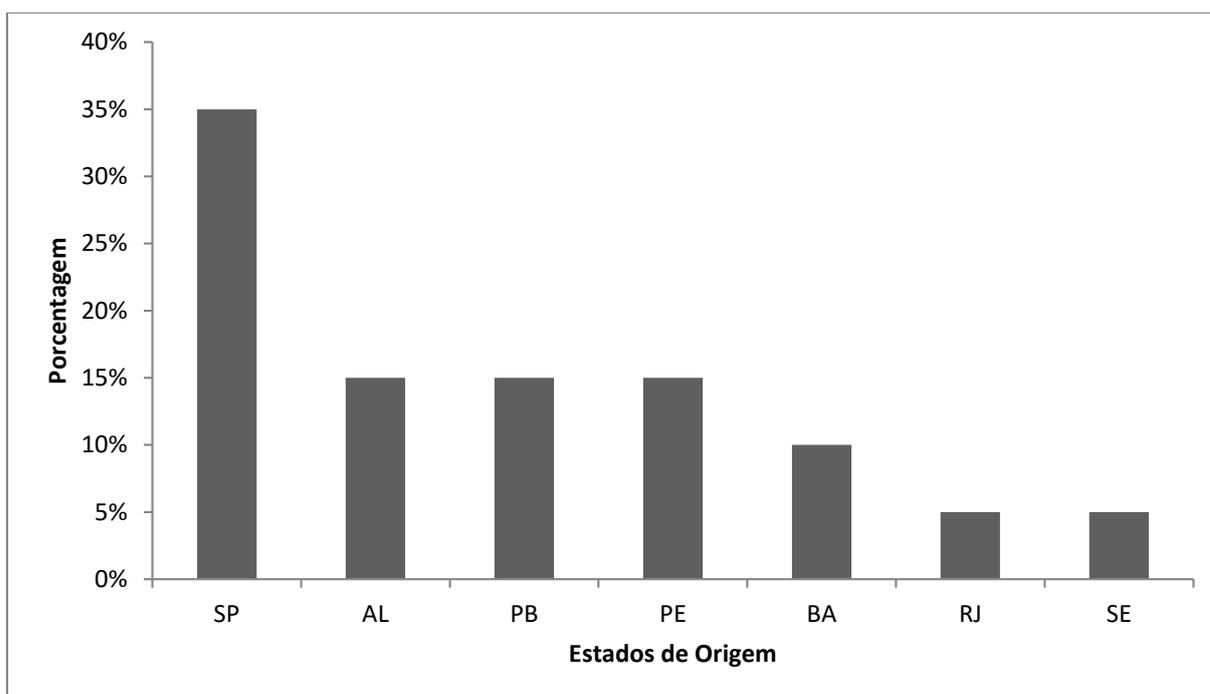


Figura 6: Naturalidade dos informantes.

A maior parte dos informantes tem como principal atividade econômica o artesanato (25%), porém não foi citado o uso de vegetais para essa prática. Os materiais produzidos são feitos de tecidos como o feltro e materiais reutilizados.

Quanto à forma de aquisição, foi observado que 85% dos entrevistados obtêm os vegetais de formas variadas (cultivo, coleta e/ou compra) e apenas 15% mantêm uma única forma de obtenção, sendo essa o cultivo.

No que concerne ao modo de acesso aos vegetais na terra, 55% retiram diretamente da mata nativa, 25% fazem a busca de forma variada (roça, quintal, mata nativa) e 20% coletam os recursos apenas dos quintais. Houve apenas um relato de cultivo de roça sendo apenas para subsistência sem fins lucrativos e nenhum de comércio com a flora local.

4.2 Espécies vegetais utilizadas

Foram indicados 201 nomes populares locais para plantas com diferentes categorias de usos, resultando em 92 táxons identificados em nível de espécie (Tabela 2).

Tabela 2: Espécies vegetais utilizadas pelos moradores do Perequê (N= 92). Sendo: Origem: nativas= N; exóticas=E; Aquisição: cultivada=cul; coletada=col; comprada=com).

(continua)

FAMÍLIA E ESPÉCIE	NOME POPULAR	USOS	ORIGEM	AQUISIÇÃO	Nº CITAÇÕES
Adoxaceae					
<i>Sambucus nigra</i> L.	sabugueiro	Medicinal	E	col	3
Amaranthaceae					
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	penicilina	Medicinal	N	col	2
<i>Celosia argentea</i> L.	crista-de-galo	Medicinal	E	col	1
<i>Dysphania ambrosioides</i> L.	erva-de-santa- maria; mastruz; mentruz	Medicinal; Veterinária	E	cul/col	10
Amaryllidaceae					
<i>Allium cepa</i> L.	cebola	Medicinal; Alimentícia	E	com/col	3
<i>Allium sativum</i> L.	alho	Medicinal	E	com	2
Anacardiaceae					
<i>Anacardium occidentale</i> L.	cajueiro	Medicinal	N	col	2
<i>Lithrea molleoides</i> (Vell.) Engl.	aroeira-branca	Medicinal	N	col	2
<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	aroeira	Medicinal	N	col/com/ cul	5
Annonaceae					
<i>Annona</i> cf. <i>neosericea</i> H.Rainer	gravioleira	Medicinal	N	col	1
Apiaceae					
<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss	salsa (cheiro- verde)	Medicinal; Alimentícia	E	com/col	2

Tabela 2: Espécies vegetais utilizadas pelos moradores do Perequê (N= 92). Sendo: Origem: nativas= N; exóticas=E; Aquisição: cultivada=cul; coletada=col; comprada=com).

(continua)

FAMÍLIA E ESPÉCIE	NOME POPULAR	USOS	ORIGEM	AQUISIÇÃO	Nº CITAÇÕES
Apocynaceae <i>Aspidosperma polyneuron</i> Müll.Arg.	peroba-rosa	construção de barcos	N	col	1
Araceae <i>Caladium bicolor</i> (Aiton) Vent.	coração-de-jesus	Medicinal	N	col	1
<i>Epipremnum pinnatum</i> (L.) Engl.	jiboia	Medicinal	E	col	1
<i>Monstera adansonii</i> Schott	costela-de-adão	Medicinal	N	cul	1
Asparagaceae <i>Asparagus officinalis</i> L.	aspargo	Medicinal	E	com	1
Asphodelaceae <i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	babosa	Medicinal	E	col/cul	4
Asteraceae <i>Artemisia absinthium</i> L.	losna	Medicinal	E	com	1
<i>Bidens alba</i> L. (DC).	picão-preto	Medicinal	E	col	2
<i>Cichorium endivia</i> L.	chicória	Medicinal	E	com	1
<i>Galinsoga parviflora</i> Cav.	picão-branco	Medicinal	E	col	2
<i>Gymnanthemum amygdalinum</i> (Delile) Sch.Bip. ex Walp.	boldo-caiçara	Medicinal	E	col	1
<i>Helianthus annuus</i> L.	girassol	Medicinal	E	com	1
<i>Lactuca sativa</i> L.	alface	Medicinal	E	com	1
<i>Matricaria chamomilla</i> L.	camomila	Medicinal	E	com	2
<i>Mikania glomerata</i> Spreng.	guaco	Medicinal	N	col/cul	6
<i>Rudbeckia hirta</i> L.	margaridinha	Medicinal	E	col	1
Bignoniaceae <i>Jacaranda puberula</i> Cham.	carobinha	Medicinal	N	col	2
Boraginaceae <i>Varronia curassavica</i> Jacq.	satonga/erva-baleeira/ varre-forno	Medicinal	N	col	1
Brassicaceae <i>Nasturtium officinale</i> R.Br.	agrião	Medicinal; Alimentícia	E	col/com	3

Tabela 2: Espécies vegetais utilizadas pelos moradores do Perequê (N= 92). Sendo: Origem: nativas=N; exóticas=E; Aquisição: cultivada=cul; coletada=col; comprada=com).

(continua)

FAMÍLIA E ESPÉCIE	NOME POPULAR	USOS	ORIGEM	AQUISIÇÃO	Nº CITAÇÕES
Bromeliaceae <i>Ananas comosus</i> (L.) Merrill	abacaxi	Medicinal	N	com	1
Caricaceae <i>Carica papaya</i> L.	mamoeiro	Medicinal	E	col	1
Convolvulaceae <i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.	batata-doce	Medicinal	E	col	1
Crassulaceae <i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken	folha-santa	Medicinal	E	cul	1
<i>Kalanchoe laciniata</i> (L.) DC.	malvacorona	Medicinal	E	col	1
Cucurbitaceae <i>Cayaponia tayuya</i> (Vell.) Cogn.	cabeça-de-negro	Medicinal	N	com	1
Equisetaceae <i>Equisetum giganteum</i> L.	cavalinha	Medicinal	N	col	1
Euphorbiaceae <i>Jatropha gossypifolia</i> L.	pinhão-roxo	Medicinal	N	col	1

Tabela 2: Espécies vegetais utilizadas pelos moradores do Perequê (N= 92). Sendo: Origem: nativas=N; exóticas=E; Aquisição: cultivada=cul; coletada=col; comprada=com).

(continua)

FAMÍLIA E ESPÉCIE	NOME POPULAR	USOS	ORIGEM	AQUISIÇÃO	Nº CITAÇÕES
Lamiaceae					
<i>Melissa officinalis</i> L.	erva-cidreira	Medicinal	E	com/cul/col	8
<i>Mentha pulegium</i> L.	poejo	Medicinal	E	col/cul	6
<i>Mentha spicata</i> L.	hortelã	Medicinal; Alimentícia	E	com/cul/col	10
<i>Mentha x piperita</i> L.	hortelã-miúda	Medicinal	E	col	3
<i>Ocimum basilicum</i> L.	manjerição	Medicinal; Alimentícia	E	com/col	2
<i>Ocimum gratissimum</i> L.	alfavaca	Medicinal	E	col	3
<i>Origanum vulgare</i> L.	orégano	Medicinal	E	com	1
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	boldo	Medicinal	E	cul/col	7
<i>Plectranthus scutellarioides</i> (L.) R. Br.	arnica/coração- magoado	Medicinal	E	col	7
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	alecrim	Místico; Medicinal	E	cul/col	5
<i>Thymus vulgaris</i> L.	tomilho	Medicinal	E	com	1
Lauraceae					
<i>Cryptocarya subcorymbosa</i> Mez	canela	Outros	N	col	1
<i>Laurus nobilis</i> L.	louro	Medicinal; Alimentícia	E	com	2
Laureaceae					
<i>Persea americana</i> Mill	abacateiro	Medicinal	E	cul/col	4
Leguminosae					
<i>Apuleia leiocarpa</i> (Vogel) J.F.Macbr.	garapeira	Outros	N	col	1
<i>Bauhinia forficata</i> Link	pata-de-vaca	Medicinal	N	col	1
Lythraceae					
<i>Punica granatum</i> L.	romãzeira	Medicinal	E	com/col	1
Malpighiaceae					
<i>Malpighia emarginata</i> DC.	aceroleira	Medicinal	E	col/cul	2
Malvaceae					
<i>Abelmoschus esculentus</i> (L.) Moench	quiabo	Medicinal	E	com	1

Tabela 2: Espécies vegetais utilizadas pelos moradores do Perequê (N= 92). Sendo: Origem: nativas= N; exóticas=E; Aquisição: cultivada=cul; coletada=col; comprada=com).

(continua)

FAMÍLIA E ESPÉCIE	NOME POPULAR	USOS	ORIGEM	AQUISIÇÃO	Nº CITAÇÕES
Moraceae <i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	jaqueira	Medicinal	E	col	1
<i>Morus nigra</i> L.	amoreira	Medicinal	E	col	1
Musaceae <i>Musa paradisiaca</i> L.	bananeira-prata	Medicinal	E	col	1
<i>Musa</i> sp.	bananeira	Medicinal	E	col	1
Myristicaceae <i>Virola bicuhyba</i> (Schott ex Spreng.) Warb.	noz-moscada	Medicinal	N	com	1
Myrtaceae <i>Campomanesia xanthocarpa</i> (Mart.) O.Berg	guabiroba	Medicinal	N	col	1
<i>Eugenia uniflora</i> L.	pitangueira	Medicinal	N	col/cul	2
<i>Plinia cauliflora</i> (Mart.) Kausel	jabuticabeira	Medicinal	N	col	1
<i>Psidium guajava</i> L.	goiabeira	Medicinal	E	col/cul	3
<i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Merril & Perry	cravo	Medicinal	E	com	2
Passifloraceae <i>Passiflora edulis</i> Sims	maracujazeiro	Medicinal	N	col	1
Phyllanthaceae <i>Phyllanthus niruri</i> L.	quebra-pedra	Medicinal	N	cul/col	4
Phytolaccaceae <i>Petiveria alliacea</i> L.	guiné	Medicinal; Místico	E	col	1
Poaceae <i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	capim-santo/cidrao	Medicinal	E	cul/col	8
<i>Saccharum officinarum</i> L.	cana-de-açúcar	Medicinal	E	col	1
<i>Zea mays</i> L.	milho	Medicinal	E	col	2
Pteridaceae <i>Adiantum</i> sp.	sambaia/avenca	Medicinal	E	col	1
Rhamnaceae <i>Rhamnus purshiana</i> DC.	cáscara -sagrada	Medicinal	E	com	1
<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	juazeiro	Medicinal	N	com	1

Tabela 2: Espécies vegetais utilizadas pelos moradores do Perequê (N= 92). Sendo: Origem: nativas=N; exóticas=E; Aquisição: cultivada=cul; coletada=col; comprada=com).

(continua)

FAMÍLIA E ESPÉCIE	NOME POPULAR	USOS	ORIGEM	AQUISIÇÃO	Nº CITAÇÕES
Rosaceae <i>Rosa alba</i> L.	rosa-branca	Medicinal	E	col	1
<i>Rubus idaeus</i> L.	framboeseira	Medicinal	E	com	1
Rubiaceae <i>Coffea</i> L.	café	Medicinal	E	col	1
<i>Coutarea hexandra</i> (Jacq.) K.Schum.	quina-quina	Medicinal	N	com	1
Rutaceae					
<i>Citrus limon</i> (L.) Osbeck	limão	Medicinal; Alimentícia	E	col	4
<i>Citrus reticulata</i> Blanco	tangerina	Medicinal	E	com	1
<i>Citrus x aurantium</i> L.	laranjeira	Medicinal; Alimentícia	E	col/cul	3
<i>Ruta graveolens</i> L.	arruda	Medicinal; Místico	N	col/cul	4
Sapindaceae <i>Paullinia cupana</i> Kunth	guaraná	Medicinal	N	com	1
Solanaceae <i>Capsicum frutescens</i> L.	Pimenteira	Medicinal	E	col	1
<i>Solanum americanum</i> Mill.	maria-pretinha	Medicinal	N	col	1
Urticaceae <i>Boehmeria caudata</i> Sw.	urtiga	Medicinal	N	col	1
Verbenaceae <i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl	gervão	Medicinal	N	col/cul	3
Violaceae <i>Viola odorata</i> L.	violeta	Medicinal	E	col	1
Vitaceae <i>Cissus sicyoides</i> L.	insulina	Medicinal	N	col	1
Zingiberaceae <i>Zingiber officinale</i> Roscoe	gengibre	Medicinal	E	com/col	2

O levantamento mostrou que 65,21% das espécies citadas são exóticas. As

espécies citadas estão distribuídas em 48 famílias botânicas, sendo que as três mais representativas em número de espécies foram: *Lamiaceae*, *Asteraceae* e *Myrtaceae* (Figura 7).

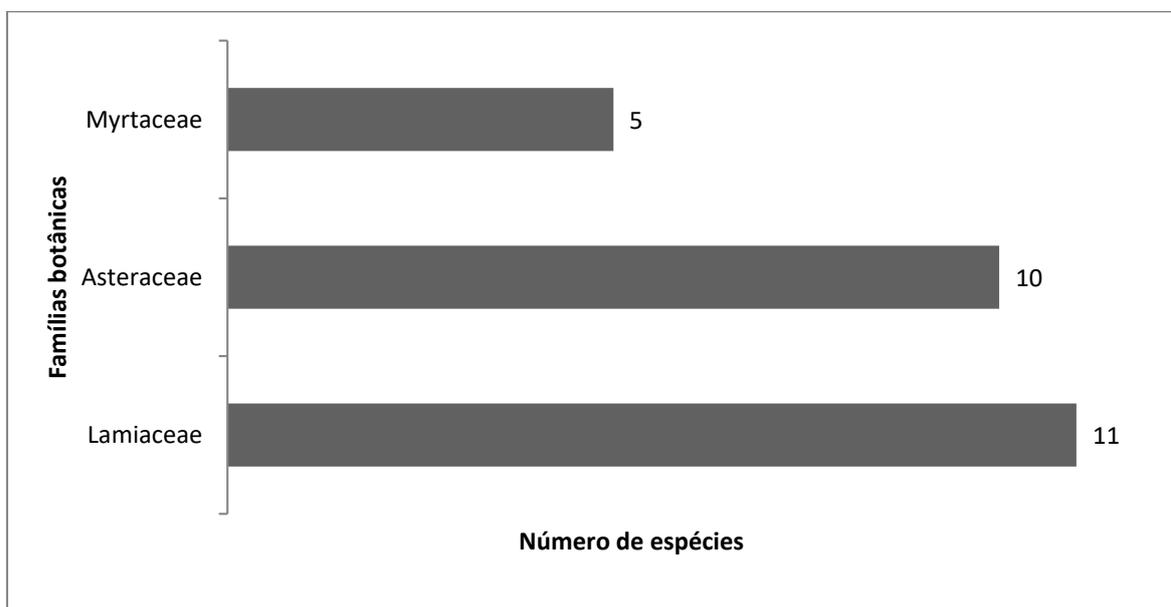


Figura 7 – Famílias botânicas mais representativas em número de espécies indicadas como úteis pelos informantes da Praia do Perequê (SP).

Verificamos a presença de etnosinônimos neste estudo que tem como representantes a salsa também conhecida por cheiro-verde, margaridinha lembrada como bem-me-quer, samambaia da mesma forma que avenca, arnica tal qual coração-magoado, satonga que é lembrada como erva-baleeira ou varre-forno; a erva-de-santa-maria também recebe o nome de mastruz e o capim-cidrão é sinônimo de capim-santo. Os etnosinônimos são denominações diferentes dadas a vegetais de uma mesma espécie botânica (VENDRUSCOLO et al., 2005).

Já como exemplo de etno-sinonímia falsa, utilizada para nomes populares que são estruturalmente similares (VENDRUSCOLO et al., 2005), aparece o mentruz para o mastruz.

A figura 8 mostra a relação entre a faixa-etária dos informantes e o número de espécies mencionadas. Os maiores conhecedores de plantas estão na faixa etária de 63-73 anos, com sete informantes.

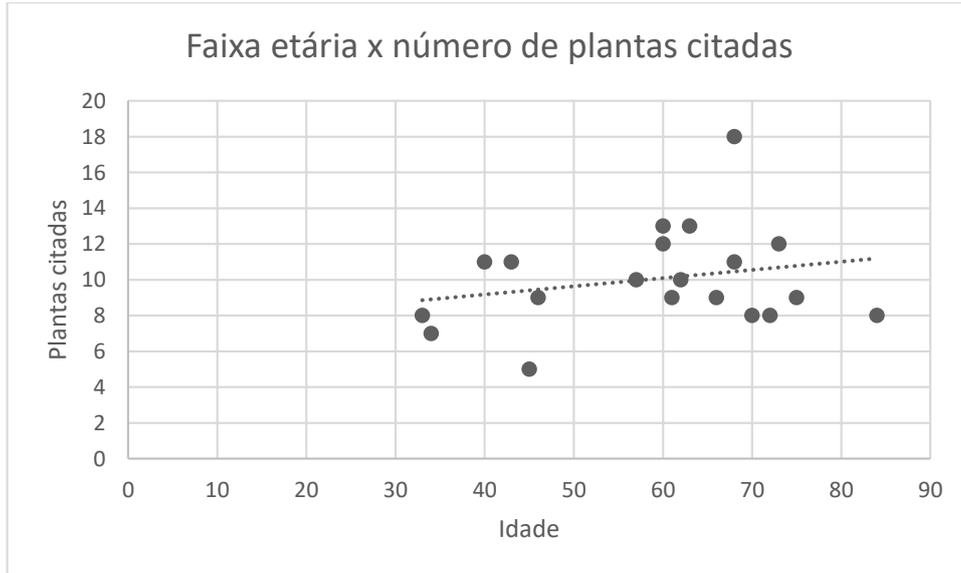


Figura 8: Relação entre idade e número de espécies citadas.

Os mais idosos, acima de 70 anos (10%) dos entrevistados, contribuíram com o menor número de citações de espécies. No entanto, ressaltamos que as pessoas com idade acima de 51 e abaixo de 74 anos enumeraram mais plantas.

Considerando a média de indicações por sexo dos informantes, constatamos que os informantes do sexo masculino atingiram valor maior, conforme mostra a figura 9:

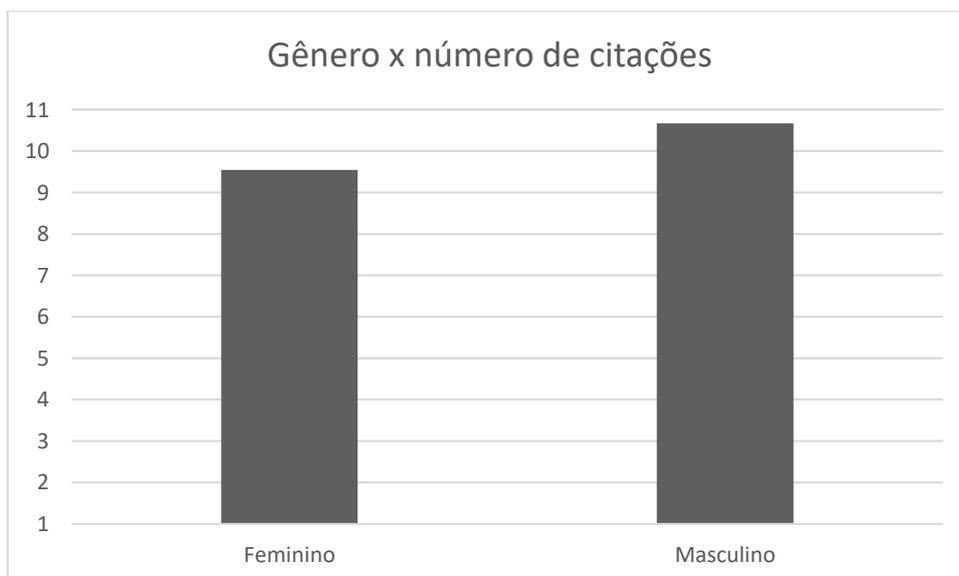


Figura 9: Relação entre sexo dos informantes e número de plantas indicadas.

Quanto a forma de transmissão do conhecimento, o repasse ocorre de forma horizontal (60%) entre vizinhos e por meio de socialização, seguido por transmissão

cultural vertical (40%), entre membros da mesma família.

Constatou-se também por meio de relatos que ocorrem trocas de mudas, sementes, receitas e conhecimento entre vizinhos.

Em relação ao valor do índice de diversidade de espécies (H'), o resultado obtido foi de 1,82.

Entre as categorias de uso, a “medicinal” foi a que apresentou o maior número de indicações, com um total de 89 espécies (Tabela 3).

Tabela 3. Espécies indicadas para fins medicinais, parte utilizada e modo de preparo das plantas apontadas pelos entrevistados do Perequê (SP).

(continua)

ESPÉCIE	NOME POPULAR	INDICAÇÕES TERAPÊUTICAS	PARTE USADA	MODO DE PREPARO
<i>Abelmoschus esculentus</i> (L.) Moench	quiabo	diabetes	fruto	Cortar as pontas do quiabo, dividir os quiabos ao meio e colocar num copo com água durante uma noite. No dia seguinte, beba a água em jejum.
<i>Adiantum</i> sp.	samambaia; avenca	asma; diurético	folha	Chá: ferver com água.
<i>Allium cepa</i> L.	cebola	gastrite/ tosse febre alta	pele/casca	Chá: ferver com água. Melado: cozinhar a cebola com água e adicionar açúcar até virar melado.
<i>Allium sativum</i> L.	alho	trombose/ inflamações/ catarro	bulbo	Chá: jogar água fervente sobre os dentes e abafar.
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	babosa	machucado/ queda de cabelo	folha	Tópico: retirar a casca e a parte amarela, passar o gel sobre o machucado ou couro cabeludo.
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	penicilina	anti-inflamatório/ ferimentos	folha	Banho: ferver com água e esperar amornar para se banhar.

Tabela 3. Espécies indicadas para fins medicinais, parte utilizada e modo de preparo das plantas apontadas pelos entrevistados do Perequê (SP).

(continua)

ESPÉCIE	NOME POPULAR	INDICAÇÕES TERAPÊUTICAS	PARTE USADA	MODO DE PREPARO
		enxaqueca		Chá: ferver com água e tomar.
<i>Anacardium occidentale</i> L.	cajeiro	diabetes/diarreia	folha/ casca	Chá: ferver com água e tomar durante o dia até 3 vezes.
		cicatrizante	casca	Banho: ferver com água e esperar amornar para se banhar.
<i>Ananas comosus</i> (L.) Merrill	abacaxi	digestão	casca	Chá: ferver com água e tomar.
<i>Annona cf. neosericea</i> H.Rainer	graviola	colesterol/ hipertensão	folha	Chá: ferver com água e tomar.
<i>Artemisia absinthium</i> L.	losna	picada de mosquito/ abelha/ marimbondo	folha	Tópico: passar a folha sobre o local picado.
<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	jaca	pedra nos rins	folha	Chá: ferver com água e tomar.
<i>Asparagus officinalis</i> L.	aspargo	pedras nos rins	talos	Chá: cortar e esmagar e colocar para ferver em água.
<i>Bauhinia forficata</i> Link	pata-de-vaca	diabetes	folha	Chá: ferver com água e tomar durante o dia.
<i>Bidens alba</i> (L.) DC.	picão-preto	circulação	folha; raiz	Chá: ferver com água e tomar 2 vezes ao dia (manhã e noite).
		fígado	folha	Chá: ferver com água e tomar durante o dia
		alergia; catapora	folha	Banho: ferver com água e esperar amornar para se banhar.
<i>Boehmeria caudata</i> Sw.	urtiga	anemia	folha	Chá: ferver com água e tomar.

Tabela 3. Espécies indicadas para fins medicinais, parte utilizada e modo de preparo das plantas apontadas pelos entrevistados do Perequê (SP).

(continua)

ESPÉCIE	NOME POPULAR	INDICAÇÕES TERAPÊUTICAS	PARTE USADA	MODO DE PREPARO
<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken	folha-santa	machucado enjoo	folha	Emplastro: bater as folhas com água e aplicar sobre o machucado. Chá: ferver com água e tomar.
<i>Caladium bicolor</i> (Aiton) Vent.	coração-de-jesus	cicatrizante	folha	Banho: ferver com água, esperar amornar e lavar o machucado.
<i>Campomanesia xanthocarpa</i> (Mart.) O.Berg	guabiroba	cistite	folha	Chá: ferver com água e tomar.
<i>Capsicum frutescens</i> L.	pimenta dedo-de-moça	furúnculo	folha	Emplastro: aquecer o azeite, colocar na folha e deixar sobre o furúnculo.
<i>Carica papaya</i> L.	mamoeiro	tumores/ má digestão	folha	Chá: ferver com água e tomar.
<i>Cayaponia tayuya</i> (Vell.) Cogn.	cabeça-de-negro	picada de cobra, aranha	batata	Tópico: descascar e cozinhar. Amarrar um pedaço da batata no local da picada e deixar por 24 horas.
<i>Celosia argentea</i> L.	crista-de-galo	pedra nos rins	folha	Chá: ferver com água e tomar
<i>Cichorium endívia</i> L.	chicória	estômago/ vermes	raíz	Xarope: ferver com água e acrescentar açúcar até virar xarope.
<i>Cissus sicyoides</i> L.	insulina	diabetes	folha	Chá: ferver com água e tomar antes das refeições.
<i>Citrus limon</i> (L.) Osbeck	limão	hipertensão/ digestivo/ gripe	folha	Chá: ferver com água e tomar.
<i>Citrus reticulata</i> Blanco	tangerina	limpar o pulmão	fruto	Lambedor: cortar e espremer os gomos. Adicionar açúcar e deixar ferver.

Tabela 3. Espécies indicadas para fins medicinais, parte utilizada e modo de preparo das plantas apontadas pelos entrevistados do Perequê (SP).

(continua)

ESPÉCIE	NOME POPULAR	INDICAÇÕES TERAPÊUTICAS	PARTE USADA	MODO DE PREPARO
<i>Citrus x aurantium</i> L.	laranjeira	gripe/ dormir melhor	folha	Chá: ferver com água e tomar ao longo do dia.
<i>Coffea</i> L.	café	fadiga/colesterol	folha	Chá: ferver com água e tomar.
<i>Coutarea hexandra</i> (Jacq.) K.Schum.	quina-quina	diabetes	folha	Chá: ferver com água e tomar.
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	capim-santo/cidrão	calmante/ insônia/diarreia/ gripe/ dor de barriga/ relaxante	folha	Chá: ferver com água e tomar.
<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants	erva-de-santa-maria/mastruz z/ mentruz	tosse/bronquite/ pneumonia úlcera/ verme/dor de barriga/gripe inflamação/ferimentos/hematomas	folha	Chá: bater as folhas no leite bem quente. Chá: ferver com água e tomar. Banho:ferver com água, esperar amornar e lavar o ferimento.
<i>Epipremnum pinnatum</i> (L.) Engl.	jiboia	irritação na pele	folha	Banho:ferver com água, esperar amornar e lavar o local.
<i>Equisetum giganteum</i> L.	cavalinha	pedra nos rins/hipertensão	folha	Chá: ferver com água e tomar.
<i>Eugenia uniflora</i> L.	pitangueira	diarreia/ anti-inflamatório/ febre	folha	Chá: ferver com água e tomar.
<i>Galinsoga parviflora</i> Cav.	picão-branco	icterícia/ infecções	folha/ flor	Chá: ferver com água e tomar ao longo do dia. Banho:ferver com água, esperar amornar e lavar o corpo.
<i>Gymnanthemum amygdalinum</i> (Delile)	boldo-caiçara	estômago	folha	Chá: ferver com água e tomar.

Tabela 3. Espécies indicadas para fins medicinais, parte utilizada e modo de preparo das plantas apontadas pelos entrevistados do Perequê (SP).

(continua)

ESPÉCIE	NOME POPULAR	INDICAÇÕES TERAPÊUTICAS	PARTE USADA	MODO DE PREPARO
Sch.Bip. ex Walp.				
<i>Helianthus annuus</i> L.	girassol	colesterol/ calmante/ intestino	sementes	Chá: ferver 1 litro de água e adicionar 02 colheres de sopa de sementes.
<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.	batata-doce	inflamação de dente	folha	Gargarejo: ferver com água e fazer "bochechos".
<i>Jacaranda puberula</i> Cham.	carobinha	machucado	folha	Banho: ferver com água, esperar amornar e lavar o machucado. Chá: ferver com água e tomar ao longo do dia.
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	pinhão-roxo	fungos em unha alergia/ catapora	talo	Tópico: pingar o sumo do talo na unha infectada.
<i>Kalanchoe laciniata</i> (L.) DC.	malvacorona	inflamação	folha	Chá: ferver com água e tomar ao longo do dia. Emplastro: esquentar a folha e colocar sobre o local inflamado.
<i>Lactuca sativa</i> L.	alface	hipertensão	raíz	Chá: ferver com água e tomar ao longo do dia.
<i>Laurus nobilis</i> L.	louro	dor de estômago/ gases/ gastrite	folha	Chá: ferver com água e tomar três vezes ao dia.
<i>Lithrea molleoides</i> (Vell.) Engl.	aroeira-branca	cicatrizante/ infecção irritação na pele	folha/ casca	Chá: ferver com água e tomar ao longo do dia. Banho: ferver com água, esperar amornar e se banhar.
<i>Malpighia</i>	acerola	fígado	folha	Chá: ferver com

Tabela 3. Espécies indicadas para fins medicinais, parte utilizada e modo de preparo das plantas apontadas pelos entrevistados do Perequê (SP).

(continua)

ESPÉCIE	NOME POPULAR	INDICAÇÕES TERAPÊUTICAS	PARTE USADA	MODO DE PREPARO
<i>emarginata</i> DC.		gripe	fruto	água e tomar ao longo do dia. Suco: bater com água.
<i>Matricaria chamomilla</i> L.	camomila	calmante	flor	Chá: ferver com água e tomar.
<i>Melissa officinalis</i> L.	erva-cidreira	calmante/ insônia	folha	Chá: ferver com água e tomar.
<i>Mentha pulegium</i> L.	poejo	resfriado/ bronquite/dor-de-garganta	folha	Chá: colocar as folhas e mel na água e abafar. Cozinhar as folhas com açúcar, alho e mel. Melado: ferver com água. Acrescentar açúcar e deixar engrossar.
<i>Mentha spicata</i> L.	hortelã	gripe/ tosse/mal estar estomacal/ dor de cabeça/vermes/ dor de barriga/ catarro	folha	Chá: ferver com água e tomar. Melado: ferver com água. Acrescentar açúcar e deixar engrossar. Xarope: ferver a água, colocar as folhas e abafar. Adicionar açúcar (retirar as folhas) e deixar ferver.
<i>Mentha x piperita</i> L.	hortelã-miúda	febre/gripe	folha	Chá: ferver com água e tomar. Xarope: derreter o açúcar, colocar as folhas e deixar ferver.
<i>Mikania glomerata</i> Spreng	guaco	gripe/ resfriado/ garganta inflamada/ bronquite	folha	Chá: ferver com água e tomar. Gargarejo: ferver

Tabela 3. Espécies indicadas para fins medicinais, parte utilizada e modo de preparo das plantas apontadas pelos entrevistados do Perequê (SP).

(continua)

ESPÉCIE	NOME POPULAR	INDICAÇÕES TERAPÊUTICAS	PARTE USADA	MODO DE PREPARO
				com água. Melado: ferver com água, engrossar o açúcar e acrescentar a folha até formar um melado. Xarope: ferver com água e acrescentar açúcar cozinhando até engrossar.
<i>Monstera adansonii</i> Schott	costela-de-adão	dor de coluna	folha	Emplastro: picar as folhas e deixar 08 dias em infusão com álcool 70 e cânfora.
<i>Morus nigra</i> L.	amoreira	gastrite/anemia/ hipertensão/ diabetes/fraqueza	folha	Chá: ferver 05 folhas com um litro de água.
<i>Musa paradisiaca</i> L.	banana-prata	limpar o pulmão/ tuberculose	coração	Lambedor: cortar, ferver, coar. Acrescentar açúcar, mel e cravo.
<i>Musa</i> sp	bananeira	diabetes	folha	Chá: ferver com água e tomar.
<i>Nasturtium officinale</i> R.Br.	agrião	resfriado/tosse câncer/ gripe/ bronquite	folha/talo	Chá: ferver com água e tomar. Xarope: ferver as folhas com água. Adicionar açúcar e cozinhar até formar uma calda, deixar esfriar.
<i>Ocimum basilicum</i> L.	manjeriço	afta/ enxaqueca/ insônia/gases/ fígado/ insônia	folha	Chá: ferver um litro de água e adicionar dez folhas.
<i>Ocimum gratissimum</i> L. A	alfavaca	febre/ gastrite/ má digestão/inflamação de garganta	folha	Chá: ferver com água e tomar três vezes ao dia.
<i>Origanum vulgare</i> L.	orégano	cólica/asma	folha	Chá: ferver com água e colocar mel.

Tabela 3. Espécies indicadas para fins medicinais, parte utilizada e modo de preparo das plantas apontadas pelos entrevistados do Perequê (SP).

(continua)

ESPÉCIE	NOME POPULAR	INDICAÇÕES TERAPÊUTICAS	PARTE USADA	MODO DE PREPARO
<i>Passiflora edulis</i> Sims	maracujazeiro	calmante/ contra vermes	folha	Chá: ferver com água e tomar.
<i>Paullinia cupana</i> Kunth	guaraná	falta de energia/ cansaço excessivo/ falta de apetite	pó(folhas)	Chá: duas colheres do pó em água fervente.
<i>Persea americana</i> Mill	abacateiro	dor na bexiga/ diurético/ câncer/ rins	folha caroço	Chá: ferver com água e tomar durante o dia. Ralar o caroço e fazer o chá junto com as folhas.
<i>Petiveria alliacea</i> L.	guiné	dores	folha	Chá: ferver com água e tomar.
<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss	salsa/cheiro-verde	dor nos rins/ dor de estômago	talo/folha	Chá: cinco talos com folha e tudo, acrescentar dois copos de água e ferver.
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	quebra-pedra	rins	folha	Chá: ferver com água e tomar.
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	boldo	dor de estômago/ dor nos rins/ indigestão/fígado	folha	Chá: ferver com água e tomar antes das refeições.
<i>Plectranthus scutellarioides</i> (L.) R. Br.	arnica; coração magoado	machucado inflamação/hematomas/ corte/ dor de cabeça/circulação/dor/ fratura	folha	Banho: ferver com água e lavar o machucado/Esquentar na mão e colocar sobre o machucado. Emplastro: macerar e colocar sobre o local Chá: ferver pequena quantidade com água e tomar.
<i>Plinia cauliflora</i> (Mart.) Kausel	jabuticaba	problemas intestinais	folha	Chá: ferver com água e tomar.
<i>Psidium guajava</i> L.	goiabeira	dor de barriga	folha/broto/casca	Chá: ferver com água e tomar.

Tabela 3. Espécies indicadas para fins medicinais, parte utilizada e modo de preparo das plantas apontadas pelos entrevistados do Perequê (SP).

(continua)

ESPÉCIE	NOME POPULAR	INDICAÇÕES TERAPÊUTICAS	PARTE USADA	MODO DE PREPARO
<i>Punica granatum</i> L.	romã	infecção de garganta	casca	Chá/Gargarejo: ferver a casca e tomar durante 05 dias.
<i>Rhamnus purshiana</i> DC.	cáscara-sagrada	hemorroidas/ intestino preso	folha	Chá: ferver com água e tomar.
<i>Rosa alba</i> L.	rosa-branca	conjuntivite	folha	Macerar e lavar os olhos.
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	alecrim	falta de apetite/azia/gripe/fígado	folha	Chá: ferver com água e tomar.
<i>Rubus idaeus</i> L.	framboeseira	cólica/intestino	folha	Chá: ferver com água e tomar.
<i>Rudbeckia hirta</i> L.	margaridinha / bem-me-quer	tuberculose	folha/flor	Lambedor: Ferver e coar. Adicionar açúcar até engrossar.
<i>Ruta graveolens</i> L.	arruda	dor de ouvido	folha	Macerar e fazer compressa/Moer as folhas e colocar no algodão. Pingar no algodão gotas de leite materno.
		piolho/dor nos olhos		Banho: ferver as folhas com água, esperar amornar e lavar os cabelos/olhos.
		calmante		Chá: ferver com água e tomar.
<i>Saccharum officinarum</i> L.	cana-de-açúcar	insônia/ fadiga	folha	Chá: ferver com água e tomar.
<i>Sambucus nigra</i> L.	sabugueiro	gripe/ resfriado	folha	Chá: ferver com água e tomar.
		coceira/ catapora	flor	Banho: ferver as folhas com água, esperar amornar e se banhar.
<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	aroeira	inflamação/ infecção urinária/ machucado/banho de assento	casca/flor/ folha	Chá: ferver com água e tomar ao longo do dia

Tabela 3. Espécies indicadas para fins medicinais, parte utilizada e modo de preparo das plantas apontadas pelos entrevistados do Perequê (SP).

(continua)

ESPÉCIE	NOME POPULAR	INDICAÇÕES TERAPÊUTICAS	PARTE USADA	MODO DE PREPARO
				Banho: ferver as folhas e lavar o local machucado Gargarejo: ferver com água.
<i>Solanum americanum</i> Mill.	maria-pretinha	coceira	fruto	Tópico: passar os frutos sobre o local da coceira.
<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl	gervão	catarro/tosse	folha	Chá: ferver com água e tomar três vezes ao dia Xarope: ferver com água e acrescentar açúcar cozinhando até engrossar/derreter o açúcar e colocar as folhas.
<i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Merril & Perry	cravo	dor de dente/ inflamação de garganta	botões	Chá: ferver um litro de água e colocar uma colher de sopa de cravo.
<i>Thymus vulgaris</i> L.	tomilho	tosse/ inflamação na garganta	folha	Chá: ferver com água e tomar.
<i>Varronia curassavica</i> Jacq.	satonga/erva - baleeira/varr e-forno	dor no corpo/ inflamação do joelho ou rim	folha	Chá: ferver com água e tomar.
<i>Viola odorata</i> L.	violeta	tosse/sarampo/ insônia/cicatrizante	flor	Chá: Ferver a água e colocar as flores. Deixar abafado por dez minutos. Tomar três vezes ao dia.
<i>Viola bicuhyba</i> (Schott ex Spreng.) Warb.	noz-moscada	problemas nos rins	fruto	Chá: ferver com água e tomar
<i>Zea mays</i> L.	milho		cabelo	Chá: ferver o cabelo do milho com água e tomar.
		infecção urinária; hipertensão		
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	gingibre	enjoo/gripe	raíz/folha	Chá: cortar em pedaços e ferver com água. Tomar três vezes ao dia.
		inflamações da garganta		Gargarejo: ferver

Tabela 3. Espécies indicadas para fins medicinais, parte utilizada e modo de preparo das plantas apontadas pelos entrevistados do Perequê (SP).

(continua)

ESPÉCIE	NOME POPULAR	INDICAÇÕES TERAPÊUTICAS	PARTE USADA	MODO DE PREPARO
<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	juazeiro	escovar os dentes/higiene da boca/cáries	folha	com água. Enrolar as folhas nos dedos e escovar os dentes. Chá: ferver as folhas com água e bochechar

A folha foi a parte da planta mais citadas (67,5%) pelos entrevistados para os usos indicados, no entanto, cascas, caules e flores também são utilizados (Figura 10).

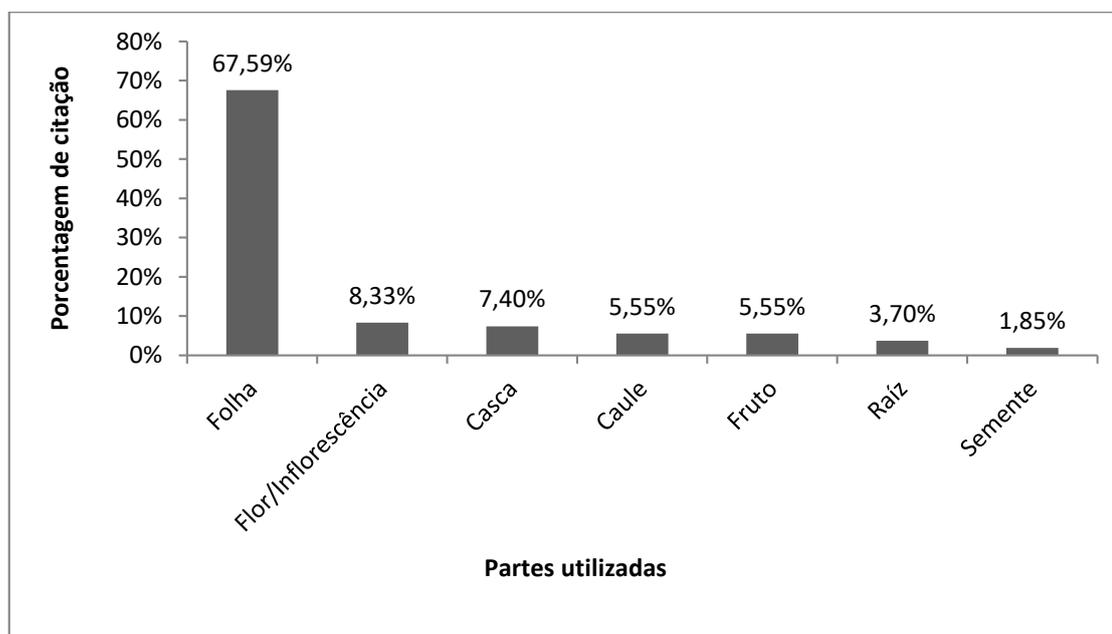


Figura 10: Partes vegetais utilizadas para utilização em fins terapêuticos.

Dentre as espécies vegetais que têm a folha utilizada para fins medicinais pelos informantes estão a arruda, o alecrim, a arnica, a amora, o manjeriço e o capim-santo conforme mostra a figura 11:

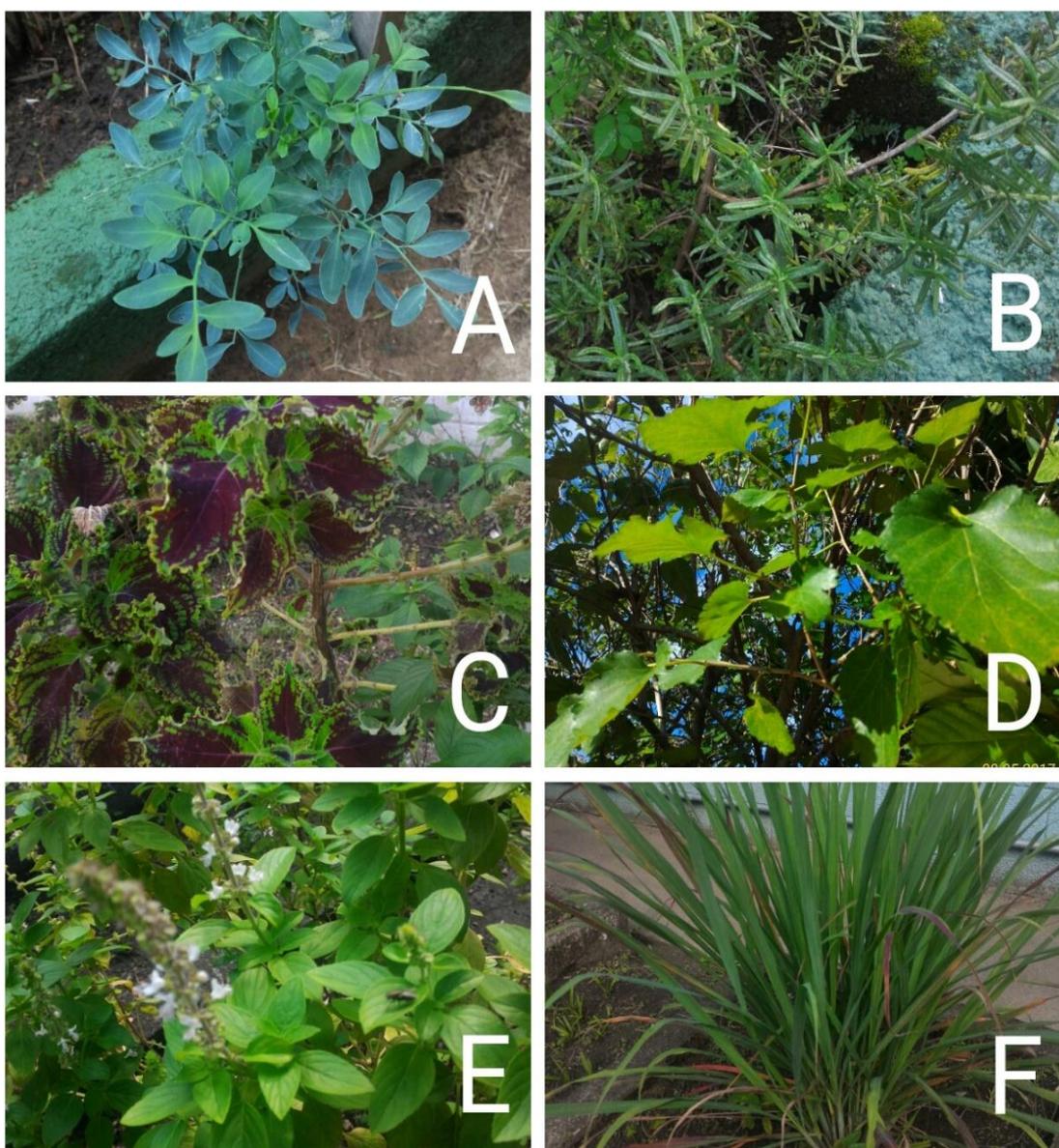


Figura 11: (A) *Ruta graveolens* L.; (B) *Rosmarinus officinalis* L.; (C) *Plectranthus scutellarioides*; (D) *Morus nigra* L.; (E) *Ocimum basilicum* L.; (F) *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf.

O chá foi a forma de administração mais indicada com 75 indicações (63%), seguida por banho e lambedor/melado ou xarope (11,7% cada).

A tabela 4 mostra os índices de importância relativa de cada espécie vegetal indicadas com finalidades terapêuticas.

Tabela 4: Índice de Importância Relativa (IR) das espécies indicadas como medicinais pelos informantes da Praia do Perequê.

Espécies	IR
<i>Dysphania ambrosioides</i> L.	2,00
<i>Plectranthus scutellarioides</i> (L.) R. Br.	1,63
<i>Mentha spicata</i> L.	1,36
<i>Morus nigra</i> L.	1,33
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf; <i>Ocimum basilicum</i> L.	1,26
<i>Bidens alba</i> (L.) DC.; <i>Plectranthus barbatus</i> Andrews; <i>Rosmarinus officinalis</i> L.; <i>Ruta graveolens</i> L.; <i>Viola odorata</i> L.	1,06
<i>Nasturtium officinale</i> R.Br.	1,00
<i>Ocimum gratissimum</i> L. A; <i>Persea americana</i> Mill; <i>Sambucus nigra</i> L.; <i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	0,90
<i>Mentha pulegium</i> L..	0,83
<i>Allium sativum</i> L.; <i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze; <i>Anacardium occidentale</i> L.; <i>Citrus limon</i> (L.) Osbeck; <i>Helianthus annuus</i> L.; <i>Lithrea molleoides</i> (Vell.) Engl.; <i>Varronia curassavica</i> Jacq.	0,80
<i>Allium cepa</i> L.	0,73
<i>Eugenia uniflora</i> L.; <i>Jacaranda puberula</i> Cham.; <i>Laurus nobilis</i> L.; <i>Paullinia cupana</i> Kunth; <i>Zingiber officinale</i> Roscoe	0,63
<i>Mikania glomerata</i> Spreng	0,56
<i>Adiantum</i> sp.; <i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.; <i>Annona cf. neosericea</i> H.Rainer; <i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken; <i>Carica papaya</i> L.; <i>Cichorium endivia</i> L.; <i>Citrus x aurantium</i> L.; <i>Coffea</i> L.; <i>Equisetum giganteum</i> L.; <i>Galinsoga parviflora</i> Cav.; <i>Malpighia emarginata</i> DC.; <i>Mentha x piperita</i> L.; <i>Origanum vulgare</i> L.; <i>Passiflora edulis</i> Sims; <i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss; <i>Rhamnus purshiana</i> DC.; <i>Rubus idaeus</i> L.; <i>Saccharum officinarum</i> L.; <i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl; <i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Merrill & Perry; <i>Thymus vulgaris</i> L.; <i>Zea mays</i> L.	0,53
<i>Artemisia absinthium</i> L.	0,46
<i>Cayaponia tayuya</i> (Vell.) Cogn.; <i>Melissa officinalis</i> L.; <i>Musa paradisiaca</i> L.	0,36

Para a apuração dos valores de Concordância de Uso Principal das espécies (CUP) foram listadas somente as espécies mencionadas por mais de um informante e aquelas que apresentaram coincidências em seus usos. Para casos contrários a esses, o valor de CUPc foi zero porque no primeiro caso não foi possível estimar a concordância e no segundo caso não houve tal concordância (Tabela 5).

Tabela 5: Concordância quanto aos usos principais na comunidade do Perequê. (ICUE= número de informantes que citaram o uso da espécie; ICUP= número de informantes que citaram o uso principal; CUP= porcentagem de concordância quanto aos usos principais; FC= fator de correção; CUPc= CUP corrigido).

Espécies	ICUE	ICUP	CUP	FC	CUPc (%)
<i>Plectranthus scutellarioides</i> (L.) R. Br.	7	6	0,85	0,7	59,5
<i>Mentha spicata</i> L.	10	5	0,5	1	50
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	8	5	0,62	0,8	49,6
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	7	4	0,57	0,7	39,9
<i>Mikania glomerata</i> Spreng	6	4	0,66	0,6	39,6
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	4	3	0,75	0,4	30
<i>Dysphania ambrosioides</i> L.	10	3	0,3	1	30
<i>Mentha pulegium</i> L.	6	3	0,5	0,6	30
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	4	3	0,75	0,4	30
<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	5	3	0,6	0,5	30
<i>Citrus limon</i> (L.) Osbeck	4	2	0,5	0,4	20
<i>Malpighia emarginata</i> DC.	2	2	1	0,2	20
<i>Matricaria chamomilla</i> L.	2	2	1	0,2	20
<i>Melissa officinalis</i> L.	8	2	0,25	0,8	20
<i>Ocimum basilicum</i> L.	2	2	1	0,2	20
<i>Persea americana</i> Mill	4	2	0,5	0,4	20
<i>Ruta graveolens</i> L.	4	2	0,5	0,4	20
<i>Zea mays</i> L.	2	2	1	0,2	20
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	2	2	1	0,2	20

O quadro 1 relaciona as enfermidades mencionadas pela comunidade de estudo com as categorias correspondentes ao Código Internacional de Doenças da OMS, com adaptações referentes aos dados resultantes da presente pesquisa.

Quadro 1: Categorias Internacionais de Doenças (CID-OMS) e enfermidades relatadas pela comunidade local com indicações de plantas utilizadas para tratamento pela comunidade do Perequê- SP.

(continua)

Capítulo	Códigos	Título	Nome popular das plantas utilizadas para tratamento
I	A00-B99	Algumas doenças infecciosas e parasitárias. Piolho, sarampo, inflamação geral, diarreia, catapora; vermes; infecções; micose das unhas	alho, arnica/coração-magoado, aroeira, aroeira-branca, arruda, cajueiro, capim-santo/cidrão, carobinha, chicória, erva-de-santa-maria/mastruz, hortelã, malvacorona, maracujazeiro, maria-pretinha, penicilina, picão-branco, picão-preto, pitangueira, pinhão-roxo, sabugueiro, violeta
II	C00-D48	Neoplasmas (tumores). Câncer	abacateiro, agrião, mamoeiro
III	D50-D89	Doenças do sangue e dos órgãos hematopoéticos e alguns transtornos imunitários. Anemia, furúnculo, colesterol alto, cicatrizante.	amoreira, aroeira-branca, café, cajueiro, coração-de-jesus, girassol, graviola, pimenta-dedo-de-moça, urtiga, violeta
IV	E00-E90	Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas. Diabetes, problema de fígado	acerola, bananeira, boldo, cajueiro, insulina, manjeriço, pata-de-vaca, picão-preto, quiabo, quina-quina
V	F00-F99	Transtornos mentais e comportamentais. Falta de apetite	alecrim, guaraná
VI	G00-G99	Doenças do sistema nervoso. Calmante, sonífero, enxaqueca	arruda, camomila, cana-de-açúcar, capim-santo/cidrão, erva-cidreira, girassol, laranjeira, manjeriço, penicilina, violeta
VII	H00-H59	Doenças do olho e anexos. Conjuntivite	arruda, rosa-branca
VIII	H60-H95	Doenças do ouvido e processo mastoide. Dor de ouvido	Arruda
IX	I00-I99	Doenças do aparelho circulatório. Hipertensão, problema de circulação, trombose, hemorroidas	alface, alho, amoreira, arnica/coração-magoado, cavalinha, graviola, limão, milho, picão-preto
X	J00-J99	Doenças do aparelho respiratório. Bronquite, asma; expectorante (catarro), pneumonia, tuberculose, gripe, resfriado; inflamação de garganta(amigdalite)	acerola, agrião, alecrim, alho, banana-prata, capim-santo/cidrão, erva-de-santa-maria/mastruz, gengibre, gervão, guaco, hortelã, hortelã-miúda, laranjeira, limão, margaridinha/bem-me-quer, orégano, poejo, sabugueiro, samambaia/avenca, tangerina, tomilho
XI	K00-K93	Doenças do aparelho digestivo. Úlcera, má digestão, dor de estômago, enjoo do estômago, gastrite, azia, dor de barriga; doenças do intestino; inflamação de dente; aftas; dor de dente	abacaxi, alecrim, alfavaca, batata-doce, boldo, boldo-caiçara, capim-santo/cidrão, cáscara-sagrada, cebola, chicória, cravo, erva-de-santa-maria/mastruz, folha-santa, framboeseira, goiabeira, gengibre, girassol, hortelã, jabuticaba, juazeiro, limão, louro, mamoeiro,

Quadro 1: Categorias Internacionais de Doenças (CID-OMS) e enfermidades relatadas pela comunidade local com indicações de plantas utilizadas para tratamento pela comunidade do Perequê- SP.

(continua)

Capítulo	Códigos	Título	Nome popular das plantas utilizadas para tratamento
			manjerição, salsa/cheiro-verde
XII	L00-L99	Doenças da pele e do tecido subcutâneo. Irritação na pele; queda de cabelo; hematomas; coceiras	arnica/coração-magoado, aroeira-branca, babosa, erva-de-santa-maria/mastruz, jiboia, maria-pretinha, sabugueiro
XIII	M00-M99	Doenças do sistema músculo-esquelético e do tecido conjuntivo. Dor de coluna; dores musculares; dor no joelho	costela-de-adão, satonga/ervabaleeira/varre-forno
XIV	N00-N99	Doenças do aparelho geniturinário. Diurético, dor nos rins, pedra nos rins, inflamação nos rins, infecção de urina, cólica	abacateiro, aroeira, aspargo, boldo, cavalinha, crista-de-galo, framboeseira, guabiroba, jaca, milho, noz-moscada, orégano, quebra-pedra, salsa/cheiro-verde, samambaia/avenca, satonga/ervabaleeira/varre-forno
XV	O00-O99	Gravidez, parto e puerpério.	
XVI	P00-P96	Algumas afecções originadas no período perinatal.	
XVII	Q00-Q99	Malformações congênitas, deformidades e anomalias cromossômicas.	
XVIII	R00-R99	Sintomas, sinais e achados anormais de exames clínicos e de laboratório, não classificados em outra parte. Tosse; dor de garganta; febre; fadiga; mal-estar; icterícia; gases; dor de cabeça; dor	agrião, amoreira, arnica/coraçãomagoado, café, cana-de-açúcar, cebola, guaraná, gervão, hortelã, hortelã-miúda, louro, manjerição, pitangueira, picão-branco, poejo, tomilho, violeta
XIX	S00-T98	Ferimento, intoxicação e outras consequências de causas externas Machucados; ferimentos; alergia não especificada; fratura	arnica/coração-magoado, aroeira, babosa, carobinha, erva-de-santa-maria/mastruz, folha-santa, penicilina, picão-preto
XX	V01-Y98	Causas externas de morbidade e de mortalidade. Picadas de abelha, marimbondo e mosquito; cobra; aranha	cabeça-de-negro, losna
XXI	Z00-Z99	Fatores que influenciam o estado de saúde e o contato com os serviços de saúde.	
XXII	U00-U99	Códigos para propósitos especiais.	

5. DISCUSSÃO

O número de informantes do presente trabalho (20) se iguala ao obtido no estudo realizado em Pereirinha e Itacuruçá, na Ilha do Cardoso, SP (MIRANDA e HANAZAKI, 2008).

A maioria dos informantes do Perequê possui baixa formação. O baixo nível de escolaridade também foi encontrado em outros estudos sobre o uso de plantas (CARNIELLO et al. 2010; FREITAS, 2012). Em pesquisa realizada na Zona da Mata no estado de Minas Gerais, Kffuri (2008) afirma que o conhecimento das plantas medicinais está relacionado com o grau de escolaridade. Segundo a autora, quanto mais avançada a escolaridade, maior se torna o contato com a medicina moderna. Deste modo, as pessoas com menor formação têm preferência por utilizar a terapêutica tradicional e assim recorrem aos medicamentos sintéticos somente em segundo plano.

No Perequê todos os informantes têm filhos. A existência de filhos pode ser um dos motivos para que o uso de plantas medicinais seja o mais indicado, pois tal fato implica na busca de soluções rápidas para as necessidades inerentes ao grupo familiar (FREITAS et. al., 2012).

Quanto à questão das atividades econômicas, os resultados aqui encontrados diferem daqueles obtidos em outros estudos, como os realizados em comunidades costeiras por Miranda e Hanazaki (2008): Foles-Cambriú e Pereirinha-Itacuruçá (Inseridas no Parque Estadual da Ilha do Cardoso, em Cananéia - SP) e Naufragados (SC), onde os moradores estão ligados primariamente a atividades de pesca e turismo. O mesmo foi encontrado na pesquisa realizada por Brito e Senna-Valle (2011) na Praia do Sono (RJ).

Os entrevistados do sexo masculino no Perequê não desenvolvem as mesmas atividades econômicas observadas no estudo realizado por Borges e Peixoto (2009) na comunidade Martim de Sá, em Paraty-RJ (pesca, derrubada e queimada da mata para o estabelecimento de roças, construção das moradias, construção e condução de canoas e barcos e manutenção da limpeza dos quintais para recepção de turistas (camping)). No Perequê os homens declararam desenvolver ocupações relacionadas ao mar (pescadores e marinho) e ao comércio (venda de móveis usados).

O Perequê é um bairro urbanizado e não existe mais a forte tradição de roças e construção de barcos e canoas como descrito no estudo feito por Borges e Peixoto (2009), haja vista que houve apenas uma menção para cada uma dessas atividades dentre as entrevistas realizadas. O presente estudo também não contou com referência à ocorrência de camping.

Quanto à forma de aquisição dos recursos vegetais, os resultados mostraram que há concordância quanto ao descrito por Silva et al. (2015) em Matinhos- PR, onde também não foram observados predomínio de local de coleta.

Apesar da prática de roça ter sido mencionada apenas por um informante no Perequê, os moradores cultivam plantas em vasos em seus quintais. Tal fato está de acordo com as informações apresentadas por Voeks (2007), em estudo realizado na Chapada Diamantina (BA).

O número de espécies elencadas no Perequê (92) está abaixo dos valores encontrados por Baptista et al. (2013) em estudo que caracterizou o conhecimento botânico de pescadores artesanais da Reserva Biológica Lami (RS) localizada em uma região que contém um mosaico de áreas urbanas e rurais.

O levantamento feito no Perequê corrobora os dados encontrados na Praia do Sono (BRITO e SENNA-VALLE, 2011) que teve como mais representativas as famílias *Lamiaceae* e *Asteraceae*.

As espécies das famílias *Lamiaceae* e *Asteraceae* aparecem com muitas indicações para uso medicinal em uma variedade de levantamentos etnobotânicos realizados em diversas regiões do país (BEGOSSI et al., 2002; GAZZANEO et al., 2005; BOSCOLO e SENNA-VALLE, 2008; BAPTISTA et al. 2013). A terceira maior família em número de espécies apresentadas no presente estudo é *Myrtaceae* que também aparece em outros trabalhos desenvolvidos no domínio da Mata Atlântica, como Martim de Sá, RJ (BORGES e PEIXOTO, 2009) e Mata do Buraquinho, PB (ALVES et al., 2017).

Os informantes do Perequê apresentaram similaridade com os dados apresentados por Cafiero (2017) em um levantamento feito na Praia do Góes (Guarujá- SP) quanto à coleta de folhas da vegetação próxima de suas casas.

No entanto alguns informantes (20%) do presente estudo relataram que tiveram a área de seus quintais diminuída por causa da construção de casas para seus filhos no mesmo espaço, visto que as novas gerações não se interessam mais pelo cultivo de vegetais, preferindo recorrer às compras em mercados e feiras quando precisam

fazer uso dos mesmos. Araujo et al. (2009) consideram a falta de interesse das novas gerações uma ameaça ao repasse de informações valiosas no que diz respeito aos recursos vegetais medicinais da flora brasileira.

Diante disso, o cultivo torna-se uma forma importante para a conservação das espécies vegetais podendo oferecer melhor qualidade de vida no meio urbano, auxiliando ainda no desenvolvimento sustentável (Ottmann et al., 2011).

Ao relacionarmos o conhecimento à faixa etária, percebemos que os dados obtidos no Perequê estão em conformidade com as informações encontradas em Martim de Sá (RJ), em que o maior conhecimento pertence aos mais idosos, se considerarmos que Borges e Peixoto (2009), incluíram na faixa dos mais idosos os indivíduos com mais de 40 anos.

No Perequê os informantes que mais contribuíram com indicações pertencem ao grupo da penúltima faixa-etária estipulada nesse trabalho (63-73 anos). Deste modo, os dados obtidos entre os informantes do Perequê concordam em parte com o que foi apresentado por Hanazaki et al. (2000) onde foi demonstrado que, de maneira geral, os mais idosos conhecem uma diversidade maior de plantas e que tal fato provém dos saberes adquiridos com o passar dos anos. Tal afirmação se torna totalmente válida para os dados levantados no Perequê se classificarmos as idades em apenas duas faixas: 30-51 (mais novos) e 52- 84 anos (mais idosos), onde as pessoas com idade acima de 51 e abaixo de 74 anos citaram mais plantas.

Quando calculada a média do número de plantas citadas foram encontrados resultados semelhantes entre os dois gêneros, 9,5 citações para mulheres e 10,7 para os homens. Porém a quantidade superior de informantes mulheres (11) denota que a comunidade as reconhece como mais conhecedoras e utilizadoras dos recursos vegetais, uma vez que foi utilizado o método Bola de Neve.

Esse resultado pode ser explicado pelo fato de que são as mulheres que preparam os remédios e atuam como responsáveis diretas para com os cuidados da saúde familiar, conforme o observado por Voeks (2007), onde as mulheres são tidas como receptáculos de sabedoria sobre plantas medicinais.

Já o conhecimento que os homens têm sobre plantas demonstra mais proximidade com as espécies da mata, sendo que neste estudo um entrevistado do sexo masculino indicou 18 etnoespécies, o maior número fornecido por um único informante, que mora no bairro há mais de 40 anos, mas é originário do estado da Bahia.

Tal fato se assemelha com o que foi descrito no trabalho de Vandebroek e Balick (2012), onde indivíduos de nacionalidade dominicana foram agrupados em dois conjuntos: o dos que permaneceram na República Dominicana e outro de imigrantes para Nova York, Estados Unidos. O trabalho evidenciou que os imigrantes apresentaram um repertório de plantas maior do que o da população que permaneceu em seu país de origem concluindo que o conhecimento é mantido vivo e ativamente transformado pela dinâmica geográfica da nova comunidade.

Ainda sobre o alto número de etnoespécies indicadas por um único entrevistado constatamos que fato equivalente foi encontrado no estudo realizado por Poderoso et al. (2012) na Floresta Nacional de Ibirama (SC).

Em relação à forma de transmissão do conhecimento, as informações apuradas neste estudo opõem-se ao que foi concluído em pesquisa realizada por Cafiero na comunidade da Praia do Góes (2017), onde o repasse do conhecimento ocorre de forma vertical. No Perequê 80% dos entrevistados são migrantes e não possuem vínculo familiar ascendente próximo.

A maioria dos informantes do Perequê já viveu em outras localidades e tal fato indica que pode existir um fluxo grande de informações a respeito dos usos de plantas e esse fator contribui para o aumento da diversidade de conhecimento.

Ao compararmos o presente estudo com outros em comunidades costeiras, verificamos que o resultado encontrado na diversidade de espécies citadas para o Perequê está próximo do valor encontrado por Borges e Peixoto (2009) em Martim de Sá (RJ).

Após ampla revisão bibliográfica foram tabulados alguns dados de trabalhos recentes em comunidades localizadas em domínio de Mata Atlântica. Estas informações foram colocados de forma organizada e estão expostos a seguir (tabela 6) para melhor observação e análise.

Tabela 6 - Comparação entre estudos realizados em diferentes comunidades pertencentes ao domínio da Mata Atlântica, sendo que 4 destes utilizaram o índice de diversidade de Shannon-Wiener (H')

Local	Nº de Entrevistados	Nº espécies	H'	Autores
Naufregados, SC	12	93	1,90	MIRANDA e HANAZAKI, (2008)
Pereirinha e Itacuruçá, SP	20	124	2,04	MIRANDA e HANAZAKI, (2008)
Martim de Sá, RJ	10	76	1,81	BORGES e PEIXOTO, (2009)
Praia do Sono, RJ	12	190	2,18	BRITO e SENNA-VALLE, (2011)
Reserva Biológica Lami, RS	15	111	-	BAPTISTA et al., (2013)
Aldeia, Fortunato e Santa Cruz, SC	184	322	-	ÁVILA et al., (2015)
Mata do Buraquinho, PB	43	63	-	ALVES et al., (2017)
Praia do Perequê, SP	20	92	1,82	Presente estudo

Destaca-se que o valor obtido para o Perequê no índice de Shannon ($H' = 1,82$) é um pouco maior do que o observado no estudo de Borges e Peixoto (2009), no Rio de Janeiro ($H' = 1,81$). Considerando que essa localidade está em área de preservação ambiental, onde não há luz elétrica e nem telefonia fixa ou móvel, seria esperado que o conhecimento sobre o uso de plantas fosse bem maior em relação ao que está sendo apresentado no presente estudo, já que o acesso aos recursos dos centros urbanos é restrito. Segundo Lima et al. (2000), valores altos do índice de Shannon-Wiener (H') indicam a existência de áreas com boa conservação associadas às populações com um grande conhecimento etnobotânico.

Assim como em Pereirinha/Itacuruçá (MIRANDA e HANAZAKI, 2008) a categoria de uso mais citada pelos moradores do Perequê foi a medicinal. Isso corrobora o que outros trabalhos etnobotânicos realizados no Brasil evidenciam (MOURA & ANDRADE, 2007; BOSCOLO & SENNA-VALLE, 2008; SILVA & PROENÇA, 2008). As informações apuradas no presente estudo mostram que há consonância com o que Celentano et al. (2014) apuraram no trabalho desenvolvido em Alcântara (AM).

Trabalhos etnobotânicos realizados no exterior mostram que a categoria medicinal também é a que mais possui indicações de espécies conforme pode ser observado no estudo realizado por MAROYI (2017) na Província do Cabo, África do Sul e KUJAWSKA et al. (2017) na Argentina.

Os resultados estão de acordo com dados que afirmam que a folha é a parte vegetal mais utilizada em preparações de remédios caseiros (DI STASI & HIRUMA LIMA, 2002; MEDEIROS et al., 2013; PENIDO et al., 2016) e as informações fornecidas pelos informantes do Perequê mostram que há similaridade com os dados apresentados nos estudos feitos por Boscolo (2011) e Ávila et al. (2015) que confirmam o chá como a forma de uso mais expressiva.

No Perequê também foi mencionada a preparação do tipo lambedor. Segundo Lorenzi e Matos (2008) trata-se de uma solução engrossada com açúcar comumente feito com plantas indicadas para tratamentos de doenças do sistema respiratório. As diferentes formas de preparo para uso medicinal devem ser interpretadas considerando o contexto cultural dos entrevistados (HANAZAKI et al., 2007).

Em 15% das entrevistas foi mencionado o uso combinado de plantas para tratamento de doenças ligadas ao sistema respiratório. As espécies utilizadas nesse tipo de preparo são: *Allium sativum.*, *Mentha pulegium*, *Mentha spicata*, *Syzygium aromaticum*, *Musa paradisiaca*, *Nasturtium officinale*, *Mikania glomerata*, *Citrus x aurantium*, *Mentha x piperita* e *Stachytarpheta cayennensis* (Rich.). Essa característica também foi encontrada em estudo feito por Silva et al. (2015) em Matinhos- PR.

Silva et al. (2015) ressaltam que o uso combinado de mais de uma espécie vegetal para tratamentos terapêuticos, constituindo as misturas, é comum em diversas culturas. Entretanto, sabe-se que as misturas devem se restringir a um número reduzido de espécies, uma vez que podem trazer efeitos inesperados, em virtude das interações de seus constituintes químicos.

Dysphania ambrosioides foi a espécie que apresentou o maior valor de Importância Relativa (IR=2,0), seguida por *Plectranthus scutellarioides* (IR=1,63) e *Mentha spicata* (IR=1,36). *D. ambrosioides* teve o valor máximo de importância relativa encontrado em estudos realizados no estado do Piauí (DE ALMEIDA NETO et al., 2015; SILVA, 2015; BARBOSA, 2017). A espécie aparece também com o maior valor de importância relativa em estudo feito por Medeiros et al. (2013) que compilou diversos levantamentos realizados dentre os biomas brasileiros. O referido estudo mostrou ainda que na área de Mata Atlântica a espécie nativa mais citada nos artigos também foi *D. Ambrosioides* (citada como *Chenopodium ambrosioides*) alcançando 59,6% de ocorrências.

Essa espécie possui registro na literatura farmacológica como planta de toxicidade estabelecida, porém sem ocorrência de grandes prejuízos em humanos. Segundo Morais et al. (2005) *D. ambrosioides* (como *Chenopodium ambrosioides* var. *anthelminticum* (L.) A. Gray) tem seu uso difundido pela região nordeste brasileira, onde as folhas são utilizadas para tratamento de gripe, além da utilização para recuperação de fraturas ósseas quando as folhas são amarradas no local fraturado.

A Organização Mundial de Saúde reconhece *Dysphania ambrosioides* como uma das plantas mais utilizadas em tratamentos tradicionais no mundo inteiro (LIPORACCI, 2015).

Analisando o valor de CUPc, apenas uma espécie apresentou resultado maior que 50%: *Plectranthus scutellarioides*, mostrando que suas potencialidades alcançam 59,5% das indicações de uso dentre a população.

Segundo Vendruscolo e Mentz (2006) o valor encontrado pode indicar quais as espécies promissoras para a realização de estudos farmacológicos. Considerando as indicações dos informantes, o valor de CUP sinaliza que a espécie tem eficácia quanto aos sistemas que trata, transmitindo assim segurança àqueles que a utilizam para os tratamentos indicados no levantamento de dados.

Plectranthus scutellarioides teve sete indicações de uso medicinal com concordância para seis: inflamação, hematomas, dor-de-cabeça, má circulação, ferimentos e fraturas.

Em um levantamento feito por Oler (2009) no município de Cananéia não foi encontrada bibliografia que indicasse toxicidade de *Plectranthus scutellarioides* (como *Solenostemon scutellarioides* (L.) Codd). Verificamos que as enfermidades mais citadas foram ferimentos e gripe. A primeira ganha destaque quando consideramos o

meio em que os moradores estão inseridos, local que concentra atividade braçal de pesca e, portanto, mais vulnerável a lesões. Esse resultado refuta o que foi descrito por Giraldi e Hanazaki (2010), em que as maiores indicações terapêuticas dessa espécie foram para doenças e sintomas do sistema digestório, respiratório e geniturinário.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) estima que 80% da população de países em desenvolvimento não têm acesso a medicamentos industrializados, sendo as plantas medicinais o único recurso terapêutico para as camadas mais carentes (GILBERT et al., 2005).

Considerando as espécies indicadas pelos informantes e comparando com as propriedades descritas no quadro dos grupos de CID, verificamos que 77,2% dos capítulos especificados têm pelo menos uma espécie vegetal representativa em uso pelos moradores do Perequê. Esse valor está acima do observado no estudo realizado por SOBRINHO et. al. (2011) na Reserva Biológica de Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, onde a abrangência foi de apenas 59%. Os resultados descritos para o Rio de Janeiro apresentam quatro capítulos não contemplados em contraponto ao Perequê: VII (Doenças do olho e anexos), VIII (Doenças do ouvido e processo mastoide), XIX (Ferimento, intoxicação e outras consequências de causas externas) e XX (Causas externas de morbidade e mortalidade).

6. CONCLUSÕES

O estudo mostrou que das 92 espécies indicadas, a categoria que mais agrega espécies é a de uso medicinal, seguido de alimentícia, corroborando com estudos anteriores em comunidades localizadas em domínios de Mata Atlântica.

O conhecimento etnobotânico no Perequê não alcançou um alto número de especialistas devido ao fato de que a maioria dos moradores entrevistados é formada por pessoas provenientes de outros estados, a extensão territorial do bairro não permite que todos os moradores se conheçam a ponto de haver indicações quando elencados os requisitos para participar da pesquisa. Ainda que grande parte dos informantes seja natural de outros estados, foi possível perceber que os informantes trouxeram consigo o conhecimento sobre o uso de plantas adquiridos no seu lugar de origem. A crescente urbanização à qual a comunidade está sujeita também pode ser um dos fatores que não permitiram atingir uma alta representatividade tanto de informantes quanto de espécies.

O Índice de Shannon obtido ($H' = 1,82$) sugere que o contexto de conhecimento etnobotânico no Perequê ainda é grande ao considerarmos o fato de que é uma comunidade que enfrenta transformações devido a urbanização. Investigações futuras são necessárias a fim de interpretar e atualizar o significado cultural e ecológico das plantas bem como a prática dentro dessa comunidade.

Diante do exposto, acreditamos que o conhecimento sobre plantas pode sofrer mudanças devido a vários fatores internos e externos, tais como, mudanças nas práticas e transmissão de conhecimento, acesso a medicamentos alopáticos e dinamismo do fluxo de troca de informações.

Os dados levantados neste trabalho sinalizam que pode haver uma forte relação entre uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais devido e o fato de a obtenção das plantas ser feita na própria comunidade, em coletas ou com o cultivo.

Foi demonstrado que ainda existe conhecimento sobre utilidade de plantas na comunidade do Perequê e abre oportunidade de investigações e análises futuras comparativas a outros estudos etnobotânicos.

Por fim, consideramos que novas investigações deverão ser realizadas na comunidade em anos posteriores a fim de verificar se o conhecimento sobre as plantas continua concentrado em usos terapêuticos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, U. P. **Introdução à Etnobotânica**. Rio de Janeiro: Editora Interciência, 93p. 2005.

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; & CUNHA, L. V. F. C. (org.). **Métodos e Técnicas na pesquisa Etnobotânica**. Recife: Comunigraf Editora/ NUPEEA, 323p. 2008.

ALCORN, J. B. The scope and aims of ethnobotany in a developing world. In: SCHULTES, R.E. & REIS, S. VON (Eds.). **Ethnobotany: evolution of a discipline**. Portland: Dioscorides Press, p. 23-39. 1995.

ALVES, R.R. et al. **Perception and use of biodiversity in the vicinity of an urban conservation area, North eastern Brazil**. 2017.

AMOROZO, M.C.M. & GÉLY, A.L. **Uso de plantas medicinais por caboclos do baixo Amazonas, Barcarena, PA, Brasil**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Botânica 4(1), 47-131. 1988

ANTONIO, G. D.; TESSER, C. D.; MORETTI-PIRES, R. O. Contribuições das plantas medicinais para o cuidado e a promoção da saúde na atenção primária. **Interface (Botucatu)**, Botucatu , v. 17, n. 46, p. 615-633, Sept. 2013. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832013000300010 >. Acesso em 27 Agosto 2017.

ARAUJO, A.C., SILVA, J.P., CUNHA, J.L.X.L.; ARAUJO, J.L.O. Caracterização socio-econômico-cultural de raizeiros e procedimentos pós-colheita de plantas medicinais comercializadas em Maceió, AL. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 11, 81-91, 2009.

AVILA, J.V.C. et al. The traditional knowledge of Quilombola about plants: does urbanization matter? **Ethnobotany Research and Applications**, v. 14, p. 453-462, 2015.

BAPTISTA, M.M. et al. Traditional botanical knowledge of artisanal fishers in Southern Brazil. **Journal of ethnobiology and ethnomedicine**, v. 9, n. 1, p. 54, 2013.

BARBOSA, F. S. Q. CONHECIMENTO, DEPENDÊNCIA E POTENCIAL DE USO DE PLANTAS MEDICINAIS EM COMUNIDADE NO NORDESTE DO BRASIL. Tese (doutorado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal do Piauí. 2017.

BEGOSSI, A. Use of ecological methods in ethnobotany: diversity indices. **Economic botany**, v. 50, n. 3, p. 280-289. 1996.

BEGOSSI, A. et al. Diversity of plant uses in two Caiçara communities from the Atlantic Forest coast, Brazil. **Biodiversity and Conservation** 9, 597-615. 2000.

BEGOSSI, A.; HANAZAKI, N. & TAMASHIRO, J. Y. Medicinal plants in the Atlantic Forest (Brazil): knowledge, use, and conservation. **Human Ecology** 30(3), 281-299. 2002.

BENNET, B. C. & PRANCE, G. T. Introduced plants in the indigenous pharmacopoeia of northern South America. **Economic Botany**, 54(1), 90-102. 2000.

BERNARD, H. R. **Research methods in anthropology: qualitative and quantitative approaches**. Walnut Creek: Altamira press. 1995.

BORGES, R.; PEIXOTO, A. L. Conhecimento e uso de plantas em uma comunidade caiçara do litoral sul do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. **Acta botânica brasílica**, v. 23, n. 3, p. 769-779. 2009.

BOSCOLO, O. H. & SENNA-VALLE, L. **Plantas de uso medicinal em Quissamã, Rio de Janeiro, Brasil**. Iheringia, Sér. Bot., Porto Alegre, v. 63, n. 2, p. 263-277. 2008.

BOSCOLO, O. H. **Estudos etnobotânicos em área de Mata Atlântica, nas Comunidades de Galdinópolis e Rio Bonito, Nova Friburgo, Rio de Janeiro, Brasil**. Rio de Janeiro, 2011.

BRITO, M. R. DE; SENNA-VALLE, L. DE. Plantas medicinais utilizadas na comunidade caiçara da Praia do Sono, Paraty, Rio de Janeiro, Brasil. **Acta Botanica Brasílica**, Feira de Santana, v.25, n.2, p.363-372, junho. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010233062011000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 maio 2017.

CABALLERO, J. La Etnobotânica. In: A. Barrera (ed.). **La Etnobotânica: tres puntos de vista y una perspectiva**. Xalapa: INIREB, p. 27-30. 1979.

CAFIERO, M. C. F. Relações da comunidade da Praia do Góes, em Guarujá (SP), com a natureza - extração e usos de recursos pesqueiros e vegetais. 2017.

CARNIELLO, M.A., SILVA, R.S., CRUZ, M.A.B. & GUARIM NETO, G. Quintais urbanos de Mirassol D'Oeste-MT, Brasil: uma abordagem etnobotânica. **Acta Amazonica**, 40(3): 451-470. 2010.

CELENTANO, D. et al. Perceptions of environmental change and use of traditional knowledge to plan riparian forest restoration with relocated communities in Alcântara, Eastern Amazon. **Journal of ethnobiology and ethnomedicine**, v. 10, n. 1, p. 11, 2014.

CHIARADIA, Clóvis. **Dicionário de palavras brasileiras de origem indígena**. Limiar, 2008.

CLIMATE-DATA.ORG. Disponível em: <https://pt.climate-data.org/location/10723/>. Acesso em 12 de maio de 2017.

DE ALMEIDA NETO, J. R.; DE BARROS, R. F. M.; SILVA, P. R. R. Uso de plantas medicinais em comunidades rurais da Serra do Passa-Tempo, estado do Piauí, Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**, v. 13, n. 3, 2015.

DIEGUES, A. C. & ARRUDA, R. S. V. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP (Biodiversidade, 4), 2001.

DI STASI, I.C.; HIRUMA-LIMA, C.A. **Plantas medicinais na Amazônia e na Mata Atlântica**. 2.ed. São Paulo: Editora UNESP, 604p. 2002.

ELISABETSKY, E. & SOUZA, G. C. Etnofarmacologia como ferramenta na busca de substâncias ativas. In: Simões, C.M.O.(et al). **Farmacognosia: da planta ao medicamento**. 5a ad. Ed. da UFRGS/UFSC, Pp. 107-122. 2004.

ESTRELLA, A.C. **Ekos da vida: estudos sobre a comunidade do Perequê**. São Paulo. (Dissertação de mestrado. Pós-graduação em assistência social, PUC-SP), 134p. 2004.

FAGUNDES, L.; MACHADO, I. C.; BASTOS, G. C. C.; MUCINHATO, C. M. D.; TUTUI, S. L. S.; SOUZA, M. R.; TOMÁS, A. R. G. Aspectos socioeconômicos e produtivos dos pescadores da baixada santista que atuam nas áreas possivelmente impactadas pela dragagem de aprofundamento do canal do Porto de Santos-SP e na área de deposição de material dragado. **Instituto de Pesca: Série Relatórios Técnicos**, São Paulo, n°. 52: 1 - 27, 2013.

FREITAS, A. V. L.; COELHO, M. F. B.; MAIA, S. S. S.; AZEVEDO, R. A. B. Plantas medicinais: um estudo etnobotânico nos quintais do Sítio Cruz, São Miguel, Rio Grande do Norte, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 48-59, jan./mar. 2012.

FRIEDMAN, J.; YANIV, Z.; DAFNI, A. & PALEWITCH, D. A preliminary classification of the healing potential of medicinal plants, based on a rational analysis of an ethnopharmacological field survey among Bedouins in the Negev Desert, Israel. **Journal of Ethnopharmacology** 16, 275-287. 1986.

GADELHA, C. S.; JUNIOR, V.M.P.; BEZERRA, K.K.S.; PEREIRA, B.B.M; MARACAJÁ; P.B. Estudo bibliográfico sobre o uso das plantas medicinais e fitoterápicos no Brasil. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, v. 8, n. 5, p. 208-212, 2013.

GAZZANEO, L.R.S.; LUCENA, R.F.P.; ALBUQUERQUE, U.P. Knowledge and use of medicinal plants by local specialists in an region of Atlantic Forest in the state of Pernambuco (Northeastern Brazil). **Journal Ethnobiology Ethnomed** 1, 1-8. 2005.

GILBERT, B.; FERREIRA, J.L.P.; ALVES, L.F. **Monografias de plantas medicinais brasileiras e aclimatadas**. Curitiba: Abifito, 250p. 2005.

GIRALDI, M.; HANAZAKI, N. Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais no Sertão do Ribeirão, Florianópolis, SC, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, São Paulo, v. 24, n. 2, p.395-406. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010233062010000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 21 de maio de 2017.

GUARUJÁ (SP). **Lei Complementar nº 156/2013. Que institui o Plano Diretor do município de Guarujá e dá outras providências.** Guarujá, SP, 2013.

GUARUJÁ (SP). **Unidades de Saúde da Família.** Disponível em: <http://www.guaruja.sp.gov.br/index.php/usafa-unidades-de-saude-da-familia/>. Acesso em 14 maio 2017.

GUARUJÁ (SP). **Escalas médicas.** Disponível em: <http://www.guaruja.sp.gov.br/index.php/escalasmedicas/>. Acesso em 14 maio 2017.

HANAZAKI, N.; TAMASHIRO, J.Y.; LEITÃO-FILHO, H.F. & BEGOSSI, A. Diversity of plant uses in two Caiçara communities from the Atlantic Forest coast, Brazil. **Biodiversity and Conservation** 9, 597-615. 2000.

HANAZAKI, N. et. al. **Etnobotânica Caiçara no Litoral Paulista.** 001. ed. São Paulo: HUCITEC, v. 01. 2007.

IBGE. **IBGE CIDADES.** Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/aglomerados_subnormais/tabelas_pdf/tab2.pdf. Acesso em: 14 fevereiro 2017.

IBGE. **IBGE CIDADES.** Disponível em: <http://ibge.gov.br/cidadesat/painel/populacao.php?lang=&codmun=351870&search=saopaulo%7Cguaruja%7Cinfograficos:-evolucao-populacional-e-piramide-etaria>. Acesso em 13 fevereiro 2017.

INEP. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.** Ministério da Educação. Disponível em: <http://www.dataescolabrasil.inep.gov.br/dataEscolaBrasil/>. Acesso em: 14 maio 2017.

KFFURI, C. W. **Etnobotânica de plantas medicinais no município de Senador Firmino (Minas Gerais).** 88 f. Dissertação (Mestrado em Fitotecnia) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa-MG. 2008.

Kujawska, M. et al. Cognition, culture and utility: Plant classification by Paraguayan immigrant farmers in Misiones, Argentina. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine.** v. 13, p. 42. 2017.

LISTA DE ESPÉCIES DA FLORA DO BRASIL 2020. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>. Acesso em: 12 abril 2017.

LIMA, H.C.; PEIXOTO, A.L. & PEREIRA, T.S. Conservação da Mata Atlântica. In: SYLVESTRE, L. & ROSA, M. M. Manual Metodológico para Estudos Botânicos na Mata Atlântica. UFRRJ. Seropédica. Magurran, A. E. 1988. **Ecological diversity**, 2002.

LIMA, R. X.; SILVA, S. M.; KUNIYOSHI, Y. S. & SILVA, L. B. Etnobiologia de comunidades continentais da Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba, Paraná, Brasil. **Etnoecológica** 4(6), 33-55. 2000.

LIMA, M.P.M. & Guedes-Bruni, R.R. **Reserva Ecológica de Macaé de Cima, Nova Friburgo, RJ - Aspectos florísticos das espécies vasculares**. Jardim Botânico, Rio de Janeiro, v. 2. 1996.

LIPORACCI, H.S.N. et al. **Plantas Medicinais e Alimentícias na Mata Atlântica e Caatinga: Uma revisão bibliográfica de cunho etnobotânico**. Dissertação. UFSC. 2015.

LORENZI, H.; MATTOS, F.J.A. Plantas Medicinais do Brasil: Nativas e Exóticas. Nova Odessa: **Instituto Plantarum**, 512p. 2008.

MAGURRAN, A. E. **Medindo a diversidade biológica**. Curitiba: Ed. da UFPR, 1955. 261 p. 2013.

MAROYI, A. Diversity of use and local knowledge of wild and cultivated plants in the Eastern Cape province. South Africa. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 13, p. 1-16. 2017.

MARTIN, G. J. **Ethnobotany: A methods manual**. London: Chapman and Hall, 268p. 1995.

MARTINS, A.G.; ROSÁRIO D.L.; BARROS, M.N.; JARDIM, M.A.G. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais, alimentares e tóxicas da Ilha do Combu, Município de Belém, Estado do Pará. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, 86, 31-30. 2005.

MEDEIROS, P.M. et al. Patterns of medicinal plant use by inhabitants of Brazilian urban and rural areas: A macroscale investigation based on available literature. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 150, p. 729-746, 2013.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Avaliação e identificação de áreas e ações prioritárias para a conservação, utilização sustentável e repartição dos benefícios da biodiversidade nos biomas brasileiros**. Brasília, 2002.

MIRANDA, T.M.; HANAZAKI, N. Conhecimento e uso de recursos vegetais de restinga por comunidades das ilhas do Cardoso (SP) e de Santa Catarina (SC), Brasil. **Acta botânica brasileira**, v. 22, n. 1, p. 203-215. 2008.

MITTERMEIER, R.A.; MYERS, N.; Gil, P.R. & MITTERMEIER, C.G. **Hotspots**. Cemex S.A., Cidade do México. 1999.

MORAES, L.F.D. et al. Atlantic rainforest restoration by the Rio de Janeiro Botanic Garden Research Institute. In: Maunder, M. et al. *Plant Conservation in the Tropics: perspectives and practice*. **The Royal Botanic Gardens**, Kew, p. 153 – 170. 2002.

MORAIS, S. M. DANTAS, J.D.P., SILVA, ARAÚJO, A.R & MAGALHAES, E. F. Plantas medicinais usadas pelos índios Tapebas do Ceará. **Revista brasileira de farmacognosia**, 15(2): 169-177. 2005.

MORI, S.A.; SILVA, L.A. & CORADIN, L. **Manual de manejo do Herbário Fanerógamo**, Ilhéus: Centro de Pesquisas do Cacau, 104 p. 1989.

MOURA, C. L. & ANDRADE, L. H. C. Etnobotânica em quintais urbanos nordestinos: um estudo no bairro da Muribeca, Jaboatão dos Guararapes – PE. **Revista Brasileira de Biociências**. Porto Alegre, v.5, supl. 1, p.219-221. 2007.

NARDI, M. F. **Análise de Aspectos Relacionados a Conservação de Espécies na Comercialização de Pescados na Vila de Pescadores do Perequê, Guarujá/S.P.** p. 52. Dissertação. UNISANTA. Santos, 2016.

OLER, J. R. L. **Plantas tóxicas do município de Cananéia- SP: um enfoque etnobotânico**. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Instituto de biociências - Rio Claro. 2009.

OLIVEIRA, D. R. de. **Levantamento Etnobotânico das Plantas Medicinais Utilizadas pela Comunidade de Oriximiná (Pará) com Enfoque Etnofarmacológico para o Gênero *Lippia***. Rio de Janeiro: UFRJ. Dissertação de Mestrado, 2004.

OTTMANN M. M. A, FONTE N.N., CARDOSO N.A., CRUZ M.R. Quintais urbanos: agricultura urbana na Favela do Parolin, no bairro Fanny e no bairro Lindóia, Curitiba, Paraná. **Revista Acadêmica Ciências Agrárias e Ambientais**; 9(1):101-9. 2011.

PENIDO, A. B. et al. Ethnobotanical study of medicinal plants in Imperatriz, State of Maranhão, Northeastern Brazil. **Acta Amazonica**, Manaus, v. 46, n. 4, p. 345-354, Dec. 2016 Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S004459672016000400345&lng=en&nrm=iso>. access on 24 Sept. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1809-4392201600584>.

PODEROSO, R.A. et al. How is local knowledge about plants distributed among residents near a protected area? **Ethnobiology and Conservation**, v. 1, 2012.

PRANCE, G.T. Ethnobotany today and in the future. In: Shultes, R.E. & Reis, V. **Ethnobotany: evolution of a discipline**, p. 60 – 68. 1995.

REYES-GARCÍA, V. et al. Cultural transmission of ethnobotanical knowledge and skills: an empirical analysis from an Amerindian society. **Evolution and Human Behavior**, v. 30, n. 4, p. 274-285, 2009.

ROQUE, A.A; ROCHA, R.M; LOIOLA, M.I.B. Uso e diversidade de plantas medicinais da Caatinga na comunidade rural de Laginhas, município de Caicó, Rio Grande do Norte (Nordeste do Brasil). **Revista brasileira de plantas medicinais**, Botucatu , v. 12, n. 1, p. 31-42, Mar. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-05722010000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 maio 2017.

ROSSATO, A. E. & CHAVES , T. R.C. Fitoterapia Racional: Aspectos taxonômicos, agroecológicos, etnobotânicos e terapêuticos, dinâmica utilizada no levantamento das informações que constam neste livro. In: ROSSATO et al. (Orgs). Fitoterapia racional: aspectos taxonômicos, agroecológicos, etnobotânicos e terapêuticos.v. 1 – Florianópolis: DIOESC, p. 32-45. 2012.

SANTOS, M.R.A. dos; LIMA, M.R. de; FERREIRA, M. das G.R. Uso de plantas medicinais pela população de Ariquemes, em Rondônia. **Horticultura Brasileira**, v.26, n.2, 2008.

SILVA, L. E.; DE QUADROS, D. A.; NETO, A. J. M. Estudo etnobotânico e etnofarmacológico de plantas medicinais utilizadas na região de Matinhos-PR. **Ciência e Natura**, v. 37, n. 2, 2015.

SILVA, C. S. P. & PROENÇA, C. E. B. Uso e disponibilidade de recursos medicinais no município de Ouro Verde de Goiás, GO, Brasil. **Acta Botanica Brasílica**, São Paulo, v. 22, n.2. 2008.

SILVA, M. P. **Etnobotânica na comunidade rural Sítio Velho em Assunção do Piauí, Brasil: identificação e transmissão do saber tradicional**. Tese (doutorado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal do Piauí. 2015.

SOBRINHO, F. A. P.; GUEDES-BRUNI, R. R.; CHRISTO, A. G. Uso de plantas medicinais no entorno da Reserva Biológica de Tinguá, Nova Iguaçu, RJ. **Revista Acadêmica: Ciências Agrárias Ambientais**, Curitiba, v. 9, n. 2, p. 195-206. 2011.

SOLDATI, G.T. Transmissão de conhecimento: origem social das informações e evolução cultural. In: ALBUQUERQUE, U.P. (org.) **Etnobiologia: bases ecológicas e evolutivas**. Recife, PE: NUPEEA. p. 37-61. 2013.

SOS MATA ATLÂNTICA. Disponível em: <https://www.sosma.org.br/projeto/atlas-da-mata-atlantica/dados-mais-recentes/>. Acesso em 11 maio 2017.

VANDEBROEK, I.; BALICK, M.J. **Globalization and loss of plant knowledge: challenging the paradigm**. PloS one, v. 7, n. 5, p. e37643, 2012.

VEIGA JUNIOR, V. F. Estudo do consumo de plantas medicinais na Região Centro-Norte do Estado do Rio de Janeiro: aceitação pelos profissionais de saúde e modo de uso pela população. **Revista brasileira de farmacognosia**, João Pessoa, v. 18, n. 2, p. 308-313, June 2008. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-695X2008000200027&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 04 setembro 2017.

VENDRUSCOLO, G.S.; EISINGER, S.M.; SOARES, E.L.C.; ZÁCHIA, R.A. Estudo etnobotânico do uso dos recursos vegetais em São João do Polêsine, RS, Brasil, no período de outubro de 1999 a junho de 2001. II – Enotaxonomia: critérios taxonômicos e sistemas de classificação folk. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais, Botucatu**, v. 7, p. 44-72. 2005.

VENDRUSCOLO, G.S.; MENTZ, L.A. **Levantamento etnobotânico das plantas utilizadas como medicinais por moradores do bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil**. Iheringia, 61: 83-103. 2006.

VOEKS, R.A. Are women reservoirs of traditional plant knowledge? Gender, ethnobotany and globalization in northeast Brazil. Singapore **Journal of Tropical Geography**, v. 28, n. 1, p. 7-20, 2007.

WHO LIBRARY CATALOGUING-IN-PUBLICATION DATA. **International statistical classification of diseases and related health problems- 10th revision. Fifth edition**, 3v. 2016. Disponível em: <http://apps.who.int/classifications/icd10/browse/2016/en>. Acesso em 08 maio 2017.

W3 TROPICOS (Missouri Botanical Garden VAST – VAScular Trópicos). Disponível em: <<http://www.tropicos.org/>>. Acesso em 14 abril 2017.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado para participar como voluntário de uma pesquisa intitulada “Usos e manejo da vegetação”, proposta pela Universidade Santa Cecília que está descrita em detalhes abaixo. Esta pesquisa foi encaminhada ao Comitê de Ética em Pesquisa da UNISANTA, de acordo com a exigência da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Para decidir se você deve concordar ou não em participar desta pesquisa, leia atentamente todos os itens a seguir que irão informá-lo e esclarecê-lo de todos os procedimentos, riscos e benefícios pelos quais você passará.

1. Identificação do(a) voluntário(a) da pesquisa:

Nome: _____ Gênero: _____
 Identidade: _____ Órgão Expedidor: _____
 Data de Nascimento: ____/____/____ Naturalidade: _____
 Endereço: _____ Nº: _____ Compl: _____
 CEP: _____ - _____ Cidade: _____ Estado: _____ Telefone: () _____

2. Objetivo da pesquisa:

Esta pesquisa tem como objetivo estudar a forma como populações humanas usam e/ou cultivam/manipulam recursos vegetais.

3. Descrição dos procedimentos realizados:

Serão realizadas entrevistas com moradores maiores de 18 anos para obter informações sobre o conhecimento local acerca dos recursos vegetais da região.

4. Descrição dos desconfortos e riscos da pesquisa:

Esta pesquisa não apresenta nenhum risco e/ou desconforto ao entrevistado. Caso alguma questão cause algum constrangimento, o entrevistado pode simplesmente deixar de responder.

5. Despesas, compensações e indenizações:

Você não terá despesa e nem compensação financeira relacionada à sua participação nessa pesquisa. Você tem garantido a disponibilidade de tratamento médico e indenização em caso de danos que os justifiquem e que sejam diretamente causados pelos procedimentos da pesquisa (nexo causal comprovado).

6. Direito de confidencialidade:

Você tem assegurado que todas as suas informações pessoais obtidas durante a pesquisa serão consideradas estritamente confidenciais e os registros e imagens estarão disponíveis apenas para os pesquisadores envolvidos no estudo. Os resultados obtidos nessa pesquisa poderão ser publicados com fins científicos, mas sua identidade será mantida em sigilo.

Fui informado verbalmente e por escrito sobre os dados dessa pesquisa e minhas dúvidas com relação a minha participação foram satisfatoriamente respondidas.

Tive tempo suficiente para decidir sobre minha participação e concordo voluntariamente em participar desta pesquisa e poderei retirar o meu consentimento a qualquer hora, antes ou durante a mesma, sem penalidades, prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido. Assino o presente documento em duas vias de igual teor e forma, ficando uma em minha posse.

Guarujá, ____ de _____ de _____

Voluntário Representante legal

Pesquisadora Responsável
Mara Magenta

Email: maramagenta@unisanta.br

Pesquisadora Responsável
Milena Ramires

Email: milena@unisanta.br

Plantas medicinais					
Nome local?	Parte utilizada?	Cultivada, coletada ou comprada?	Indicação medicinal (doença)?	Modo de preparo?	Administração (oral, chá, pomada, emplastro, etc.)

De onde adquiriu conhecimento sobre as plantas (transmissão cultural, vizinhos, etc.)?

Você pode indicar outro morador para participar da pesquisa? _____